



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

**DA TERRA À HARMONIA FINAL – REFLEXÕES ACERCA DO CONTEÚDO
HISTÓRICO EXISTENTE NO ROMANCE ÉPICO MUSASHI, DE EIJI
YOSHIKAWA**

ABEL DOMINGOS JÚNIOR

Campina Grande - PB
Fevereiro de 2009

ABEL DOMINGOS JÚNIOR

**DA TERRA À HARMONIA FINAL – REFLEXÕES ACERCA DO CONTEÚDO
HISTÓRICO EXISTENTE NO ROMANCE ÉPICO MUSASHI, DE EIJI
YOSHIKAWA**

Monografia apresentada à diretoria do curso de graduação da Universidade Federal de Campina Grande como requisito parcial para a obtenção do título de graduação em Licenciatura em História, sob a orientação do Prof.º Dr. José Otávio Aguiar.

**CAMPINA GRANDE
2009**

**DA TERRA À HARMONIA FINAL – REFLEXÕES ACERCA DO CONTEÚDO
HISTÓRICO EXISTENTE NO ROMANCE ÉPICO MUSASHI, DE EIJI
YOSHIKAWA**

ABEL DOMINGOS JÚNIOR

Aprovada em ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

José Otávio Aguiar (Orientador)
Doutor em História
UFCG

Jurandir Olímpio Alves
Especializado em Educação Física
CAD

Giscard Farias Agra
Doutorando em História pela UFPE
UFCG

CONCEITO FINAL: _____



Biblioteca Setorial do CDSA. Abril de 2024.

Sumé - PB

Agradeço ao professor e orientador José Otávio Aguiar, pelo apoio e encorajamento contínuos na pesquisa, aos demais professores da casa, pelos conhecimentos transmitidos, e à Diretoria do curso de graduação da Universidade Federal de Campina Grande pelo apoio institucional e pelas facilidades disponibilizadas.

*E nossa estória não estará pelo avesso
Assim, sem final feliz.
Teremos coisas bonitas pra contar.*

*E até lá, vamos viver
Temos muito ainda por fazer.
Não olhe pra trás –
Apenas começamos.*

*O mundo começa agora –
Apenas começamos.*

Renato Russo

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo iniciar uma discussão acerca das representações do imaginário japonês contidas no romance épico Musashi, do autor japonês Yoshikawa Eiji. Também será debatido aqui o conteúdo histórico que aparece de forma bastante significativa na narrativa da obra supracitada, relevando reflexões sobre aspectos importantes da política, sociedade, cultura e também particularidades religiosas do Japão, que acabaram por se transformar em elementos simbólicos do imaginário associado à época dos xoguns.

Palavras-chave: Musashi, História, Literatura, imaginário japonês.

ABSTRACT

This work has the objective to start a discussion about the representations of the Japanese imaginary in the epic romance *Musashi*, from Yoshikawa Eiji. Also will be discussed here the historical contents which appear significantly in this book, showing thoughts about important aspects from politics, society, culture and religious singularities from Japan, which had ended up in symbolic elements of the imaginary associated to the shoguns age.

Keywords: *Musashi*, History, Literature, Japanese imaginary

SUMÁRIO

<i>A TERRA</i>	9
<i>A ÁGUA</i>	20
<i>O FOGO</i>	28
<i>O VENTO</i>	32
<i>O CÉU</i>	40
<i>AS DUAS FORÇAS</i>	45
<i>A HARMONIA FINAL</i>	50
<i>APÊNDICE</i>	52
Mapas	52
MAPA DO JAPÃO NO SÉCULO XVII	52
MAPAS DO JAPÃO ATUAL	53
AS PREFEITURAS DO JAPÃO ATUALMENTE	55
(http://pt.wikipedia.org/wiki/Prefeituras_do_Japão)	55
.....	55
Glossário	56
<i>Alguns vocábulos estrangeiros na língua japonesa</i>	60
Cronologia: as eras japonesas	62
Referências cronológicas da época de Musashi	63
BIBLIOGRAFIA:	69
<u>LINKS:</u>	70

A TERRA

*Sun Tzu disse:
Por suas características topográficas,
Certos terrenos conduzem,
Outros são hostis,
Outros mantêm o inimigo à distância,
Outros não dão passagem,
Outros são inexpugnáveis,
Outros ainda são distantes*

*Por conseguinte,
Aquele que conhece seus soldados movimenta-os
E não se desnorteia,
Unifica-os e não se deixa encurralar.
Conseqüentemente, diz Sun Tzu,
Aquele que conhece a si mesmo e ao inimigo,
Vence – ou seja, não se arrisca;
Aquele que conhece o céu e terra
Vence – ou seja, se realiza.*

*Passagem do livro A Arte da Guerra, de Sun Tzu,
citada no livro da Terra.*

Planícies de Sekigahara, Japão. Ano V do período Keicho¹ (1600 da era cristã). As nuvens de uma chuva torrencial que caíra a noite toda ainda encobriam alguns raios de sol do meio dia que ousavam aparecer. Apenas algumas horas foram suficientes para definir a liderança do poder político do país. Dentre os corpos dos derrotados na batalha, um jovem de nome Shinmen Takezo² recobra os sentidos. Exausto – provavelmente com algumas balas alojadas no corpo – ele percebe que, mesmo depois de tudo o que aconteceu hoje, o céu e a terra continuam do jeito que estão, como se nada tivesse acontecido: “a esta altura, a vida e as ações de um homem têm o peso de uma folha seca no meio da ventania... Ora, que vá tudo para o inferno!”, pensou Takezo. Este rapaz, até então com apenas 17 anos de vida, se tornaria mais tarde Miyamoto Musashi, o mais famoso samurai da história do Japão. É neste cenário desolado, momentos após a

¹ As eras no Japão são registradas de acordo com o governo de cada imperador. Com a ocidentalização proveniente da Reforma Meiji, foi acrescentado ao calendário japonês o sistema de contagem gregoriano, baseado no nascimento de Cristo. Entretanto, atualmente ainda se utiliza o método antigo no território japonês. Seguindo ele, o ano de 2009 corresponde ao ano XX da era Heisei, ou seja, estamos no vigésimo ano de governo do atual Imperador, Akihito.

² Em detrimento ao sistema Hepburn, que é responsável pela representação escrita do idioma japonês no Ocidente, será seguida a ordem original dos nomes próprios nipônicos, que são apresentados na seguinte seqüência, originalmente: sobrenome e nome. Portanto, Eiji Yoshikawa será escrito Yoshikawa Eiji, Musashi Miyamoto será Miyamoto Musashi, entre outros. É importante frisar que outro motivo para apresentar esta decisão junto à escrita dos nomes diz respeito à maneira como os personagens históricos citados na obra ficaram conhecidos, como Tokugawa Ieyasu ou Toyotomi Hideyoshi e também porque a adaptação para a escrita ocidental muitas vezes se torna impraticável com alguns nomes japoneses. Ex.: Shinmen Miyamoto Musashi Masana ou Ganryu Sasaki Kojiro.

batalha de Sekigahara, que o autor Yoshikawa Eiji constrói a narrativa que resulta na obra Musashi.

Romance épico que narra uma parte da vida do samurai Miyamoto Musashi, foi publicado originalmente no formato de folhetim durante os anos de 1935 e 1939 no jornal Asahi



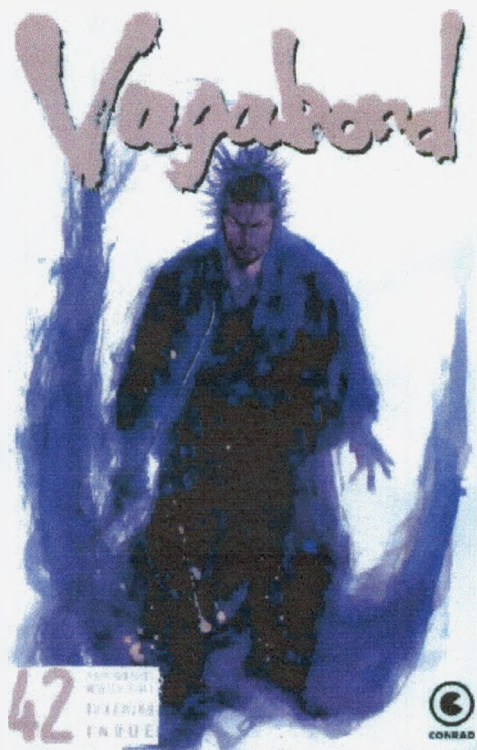
Edição do Asahi Shinbun de 1 de maio de 1937.
(www.madeincuritiba.com.br)

Shinbun e foi dividido em 1.013 capítulos. Obteve várias edições ao redor do mundo e, recentemente, foi publicada em quatro volumes pela editora Kodansha, passando a integrar a coleção das obras completas de Yoshikawa. Teve várias adaptações para o

cinema, teatro e também foi transformado em minissérie no mínimo três vezes por grandes redes de comunicação japonesas, sendo a mais recente a da empresa NHK em 2003.

Também recebeu uma adaptação para os quadrinhos japoneses, os mangás³, já que no Japão há uma forte tradição neste segmento. O nome desta série se chama Vagabond, com desenhos e roteiro de Inoue Takehiko. Teve seu primeiro volume lançado em 1998 pela editora Kodansha e ainda continua sendo publicada em território nipônico.

A partir de Musashi, Yoshikawa se tornaria famoso nacionalmente e conseguiria outra proeza: alcançaria tiragens sem precedentes na história do Japão. O seu sucesso



Musashi na capa da edição nacional de Vagabond, volume 42, publicada pela editora Conrad.
(www.animanga.com.br)

³ Aqui no Brasil, também há uma forte difusão dos quadrinhos japoneses, principalmente pela relação que possuem com a televisão. Funciona da seguinte forma: quando um mangá faz sucesso no Japão, ele é transformado em animê (desenhos animados japoneses) e exibido nas emissoras de TV. Comumente, são estes desenhos animados que chegam primeiro ao Brasil. Dependendo do sucesso que eles conseguem na televisão, as editoras procuram trazê-los para o mercado brasileiro. A título de exemplo podemos citar Cavaleiros do Zodíaco (Saint Seiya, no original) e Dragon Ball Z.

como escritor de novelas o levou a receber o título máximo da literatura japonesa em 1960, dois anos antes da sua morte, por câncer, em 1962. É considerado um dos maiores novelistas não apenas em seu país, mas em boa parte do mundo.

Yoshikawa, como outros autores, desde o final da Era Edo⁴ e início da Era Meiji, presenciaram as diversas vicissitudes que vieram a ocorrer em seu país, principalmente com o processo de ocidentalização advinda da Reforma dos partidários do Imperador, durante a Restauração. Esta mudança no viés político japonês se chamou Reforma – ou Restauração – Meiji. Tal conflagração colocou os poderes políticos de volta nas mãos do *tenno* – o Imperador –, tendo acabado com o regime de Xogunato que perdurara por vários séculos.

Esta Revolução produziu transformações radicais na vida do povo japonês, dentre as quais destacam-se: o fim do sistema de castas, a retomada do comércio exterior, abolição do sistema de *han*⁵, substituindo-os por províncias (ou prefeituras), a mudança da sede imperial de Kyoto para Edo, que passa a se chamar Tokyo (capital do Leste) e a centralização do poder baseado em modelos ocidentais. As implicações sobre o povo japonês foram enormes; no entanto, não é possível enumerar em sua totalidade as transformações decorrentes. Ao que parece, os que sentiram estas mudanças de maneira mais negativa foram os samurais. A partir da abolição da divisão de castas, eles perderam quase todos os seus privilégios. O maior deles, que era a pensão de arroz que recebiam dos seus *daimyo*, ainda perdurou por um tempo, mas gradativamente foi substituída por bônus extraídos do tesouro nacional. Com isso, os antigos samurais receberam títulos do governo, terminando por eliminar as regalias dos samurais (Yamashiro, 1978). Com isso, eles se voltaram a outras atividades, como o campo ou negócios. Todavia, muitas vezes acabavam por perder todo o seu dinheiro ao exercer tais práticas, caindo na miséria e terminando por aumentar as fileiras de descontentes com o novo Regime.

Já no âmbito cultural, com as novas influências ocidentais decorrentes da abertura dos portos ao comércio exterior, há uma inovação dos elementos culturais nipônicos. Através de incentivos do governo, aumenta-se o consumo de produtos ocidentalizados, acontecendo também a adoção de vários costumes estrangeiros. Estas

⁴ Ainda acerca do calendário japonês, a contagem das Eras, ou Períodos, também se faz através da duração de cada xogunato, onde a Era Edo corresponde ao governo do Xogunato Tokugawa, que começa em 1603 (Ano VIII do período Keicho) e acaba em 1868 (ano I do período Meiji). Obviamente, com a Restauração, este sistema deixa de existir.

⁵ Território governado por um *daimyo*, onde este seria um grande proprietário de terras.

novas práticas acabaram por enraizar vários aspectos culturais, oriundos de outros países, ao cotidiano, outrora conservador, japonês, gerando um novo modelo de sociedade, que acabaria por mesclar tradição e inovação. Estas mudanças decorrentes do processo de “modernização por meio da ocidentalização” do Japão seriam notadas nos diversos segmentos culturais que apareceriam em seguida, desde a arquitetura, passando pela pintura, teatro e literatura, entre outros.

Yoshikawa aparece como fruto deste modelo ocidentalizado de escrita. Como nasceu um pouco depois da Restauração Meiji, em 1892 (ano IV da Era Meiji), provavelmente teve sua educação baseada no novo sistema educacional japonês, que seria inspirado no método francês de ensino. Ele termina por se destacar na literatura pelas suas novelas, que são publicadas em revistas e jornais da época, estes inspirados em moldes ocidentais. Portanto, a maneira como ele escreve possivelmente traz indícios deste novo modelo literário japonês, que foi bastante influenciado pela literatura ocidental e que acabara de vingar frutos em territórios nipônicos.

Mas, qual o interesse em utilizar como objeto de estudo um livro escrito no início do século XX por um autor japonês? Qual seria a sua relevância e quais os olhares do Ocidente sobre este Oriente, que surge de maneira cada vez mais intensa diante de nós, através das facilidades da mídia e do mundo globalizado?

Segundo Edward Said, em seu conceito de Orientalismo, ele afirma que o interesse do Ocidente para com o Oriente é que ele sirva como instrumento de diferenciação, através de uma relação de poder onde o Ocidente é superior, forte, moderno e civilizado; enquanto o Oriente aparece elemento passível de dominação, retrógrado, fraco, barbarizado e necessitando de uma força que o coloque nas trilhas do “progresso”. Com isso, o estereótipo criado em torno do Oriente serviria para legitimar as qualidades do povo ocidental, em especial o europeu. No caso do “Extremo Oriente”, dizer que houve um “Japão feudal”, ou que houve laços de suserania e vassalagem dentre os japoneses é tentar inserir conceitos europeus a um contexto japonês visivelmente diferenciado do europeu. É importante frisar que, nem todas as sociedades passaram por um processo de “feudalização”. Tem-se conhecimento deste sistema apenas em algumas regiões européias e, portanto, tentar classificar recortes temporais de outras sociedades partindo destes paradigmas certamente reflete o pensamento de Said acerca de definirmos o outro através dos nossos valores ocidentais. Será que eles mesmos vêem a sua história norteadas pelas definições europeizadas presentes nas obras que chegam até nós?

Trazer à tona este pensamento de Said faz com que repensemos nossos conceitos sobre o Orientalismo: é assim que realmente vemos o Oriente? Quais os atributos que nos levam a procurar conhecer um pouco mais a cultura oriental? Provavelmente, hoje em dia, pode haver um pouco do que Said nos diz em sua obra; contudo, existe a possibilidade de que também haja o caminho oposto, que acontece quando percebemos que estes povos possuem um modelo cultural diversificado e bastante difundido, e que, muitas vezes, nos deixamos levar pelas suas influências, supervalorizando-o, acabando por esquecer a nossa própria cultura ou a desvalorizá-la, passando a aceitar aquela em detrimento desta. Este é um ponto de reflexão a ser considerado.

Em contrapartida, constata-se, recentemente, outros interesses do Ocidente pelo lado oriental do planeta, resultado este alcançado pela globalização, que facilitou a inter-relação entre culturas, acabando por nos fazer olhar com mais atenção para o Leste do globo: as Olimpíadas de Pequim em 2008, a economia chinesa em ascensão; o Japão, como uma das maiores economias do mundo e como um grande exportador de cultura pop; academias de artes marciais de ambos os países são encontradas com mais facilidade, não apenas ensinando os preceitos da arte de combater, mas também difundindo aspectos culturais dos seus povos fundadores; obras sobre estratégia, como a Arte da Guerra, de Sun Tzu e O Livro dos Cinco Elementos de Miyamoto Musashi são livros de cabeceira de executivos ocidentais e estão entre os mais comprados nas livrarias. As religiões orientais, como o budismo, o hinduísmo e o movimento hare-krishna nos mostram que as pessoas procuram centros religiosos orientais com o intuito de conseguir a paz de espírito que não conseguiram com as religiões ocidentais.

Outrossim, o próprio livro de Yoshikawa Eiji faz parte deste rol de exemplos, pois é o livro de origem japonesa mais lido no mundo, com mais de 120 milhões de exemplares vendidos. E a televisão também tem se mostrado um grande difusor da cultura oriental: dificilmente se vê na TV um programa infantil que exiba apenas desenhos animados ocidentais – e a febre destes folhetins são sempre os comumente chamados “desenhos japoneses”. A lista de exemplos de como a cultura oriental aparece em nosso cotidiano é imensa. No que diz respeito ao Brasil e Japão, as relações entre estes dois países começaram em 1908, quando os primeiros imigrantes nipônicos, a bordo do navio Kasato Maru, chegaram ao país para trabalhar nos cafezais de São Paulo. No ano de 2008 comemorou-se os 100 anos da migração japonesa para o Brasil, evento este muito divulgado pelos meios de comunicação e bastante celebrado pelos descendentes nipônicos que residem principalmente no Sudeste do país. Todas estas

citações servem para ilustrar que há outros interesses para com os nossos irmãos orientais e que sua influência se faz cada vez maior no nosso mundo ocidental, desenvolvendo possíveis trocas culturais, sem uma predominar sobre a outra. Por isso, um dos pontos deste trabalho tem o intuito de que, através do estudo deste livro, se possa perceber, de maneira mais apropriada, a arte e os costumes que surgem em nosso dia-a-dia e que são advindos destes povos.

Como se pode perceber, a cultura oriental ainda está na ordem do dia, apesar de já haver algum interesse neste segmento, pelo menos desde os anos 1960, especialmente na região Sudeste do país, localidade que comporta a maior quantidade de imigrantes japoneses no Brasil. No seio da academia, grupos de estudos, em destaque o de estudos orientais da USP, se voltam para o Oriente como objeto de pesquisa no intuito de se aprofundarem no oceano de possibilidades que a temática oriental oferece.

A partir de uma leitura historiográfica, este livro de Yoshikawa Eiji aparece como um ponto convergente entre a história e literatura. Apesar do autor não ser contemporâneo do período abordado na obra, ele apresenta de forma romantizada um momento de grandes transformações políticas, econômicas, sociais e culturais do Japão. E são estes elementos de distinção histórica, que aparecem no corpo da obra e que são romantizados durante a narrativa, que atraem o olhar do historiador para o caráter representativo do imaginário japonês presente no livro. Este trabalho, portanto, tem por objetivo analisar o conteúdo histórico que aparece de forma bastante significativa na narrativa deste romance épico. Embora não seja contemporâneo do contexto exibido em seu trabalho, o autor nos remete de forma bastante convincente a um tempo de transformações importantes no Japão, mostrando em seu texto aspectos essenciais da política, da sociedade, da cultura e também particularidades religiosas, que acabaram por se transformar em elementos simbólicos do imaginário japonês da época dos Xoguns.

É importante salientar que: ao afirmar que a narrativa de Yoshikawa é convincente, não está se propondo que ela seja verdadeira, mas que é plausível com o contexto que ele quer mostrar através da ficção. Ou seja, é, de fato, uma leitura pessoal e bastante criativa de um período que ele não vivenciou. Seu texto é um produto da ficção, contudo, a forma como ele se vale dos elementos históricos para adaptá-los à narrativa tornam o conto verossímil, mostrando, desta forma, que este seu projeto literário foi norteado por certos rigores historiográficos.

Vale perceber que obras como *Musashi*, ou até representações teatrais e cinematográficas sobre outros contos de samurais acabaram por tipificar certos elementos culturais japoneses. Filmes no estilo “*chanbara eiga*” (leia-se chanbará eiga), conhecidos ocidentalmente como os “filmes de samurais”, são exemplos marcantes. No entanto, toda esta cultura em torno da figura do samurai faz parte de um conjunto de implicações históricas. Após o fim das guerras civis japonesas, conhecidas como *Sengoku Jidai*, e com a consolidação do xogunato Tokugawa, os samurais deixaram de se ater apenas às artes de guerra, se dedicando também a outros ofícios como o teatro, a cerimônia do chá e até mesmo política, auxiliando seus *daimyo* em questões administrativas acerca do território destes. Embora eles tenham sido obscurecidos com a Restauração Meiji, vários líderes e intelectuais que surgiram após a reforma eram oriundos deste grupo social que, com a introdução do novo sistema educacional, acabou por popularizar a imagem samuraica como um símbolo representante das qualidades do povo japonês.

Yoshikawa, com seu trabalho, se insere neste meio, contribuindo para legitimar o discurso de que o samurai seria o modelo mais adequado para personificar estes atributos. Em suma, tudo isto contribuiu para que eles se tornassem representantes das virtudes japonesas, acabando por tipificá-los como um dos principais elementos simbólicos arraigados ao imaginário japonês de uma época ainda não muito distante para o povo da “terra do sol nascente”.

Observando por outra perspectiva, *Musashi* poderia surgir como uma iniciativa de resgatar determinados valores que poderiam ter sido esquecidos nos tempos que o autor vivenciou e que ele pensava que existissem apenas nos tempos dos samurais. Seria como se ele tentasse remontar a um tempo de paz e ordem, em contraste ao mundo de fortes mutações e guerras que ele presenciara. Apesar do protagonista do romance ser um *ronin* que realiza vários duelos violentos com o propósito de desenvolver suas habilidades em esgrima, a época em que ele viveu é marcada como o início de um período considerado de paz. Embora o período Edo fosse possuidor de características inerentes a um estado de sítio permanente, este mundo que o autor procura representar no corpo do texto seria uma tentativa de retroceder a um período de paz, onde esta era sustentada pelos samurais. No entanto, há de se destacar a relação que o autor de *Musashi* possuía com os “guardiões da paz” de outrora: ele era filho de um samurai que não conseguiu realizar uma transição adequada para o novo sistema financeiro implementado após a Restauração. Assim, este livro poderia ser um resultado das

relações entre as experiências pessoais e profissionais de Yoshikawa, associadas ao contexto da sua época.

Quanto ao imaginário discutido neste trabalho, etimologicamente, esta palavra deriva do vocábulo imagem, que seria uma representação gráfica, plástica ou fotográfica de pessoa ou de um objeto. Ainda sobre esta definição, pode também ser caracterizada a imagem como uma representação mental, simbólica, que aparece para substituir a causa que a produziu, em caso de ausência desta. Portanto, o imaginário, como derivado desta palavra, é um vocábulo essencial para nós, historiadores, já que é a partir da nossa interpretação destas representações imagéticas que tecemos considerações sobre o mundo em que vivemos, promovendo várias outras leituras e acrescentando novas experiências, interagindo e modificando nossa perspectiva acerca do nosso convívio. Para Sandra Pesavento, o imaginário apareceria ainda como uma atividade do espírito que extrapola as percepções sensíveis da “realidade concreta”, definindo e qualificando espaços, temporalidades, práticas e atores, representando também o abstrato, o não visto e o não experimentado. Também seria o elemento organizador do mundo, dando coerência a ele, legitimidade e identidade. Seria a partir do imaginário que se definiriam os sistemas de classificação do real, pautando condutas e inspirando ações.

Com isso, o imaginário, em seu conceito, se fundamentaria na idéia de representação, que ela seria um sistema de representações sobre o mundo, se colocando no lugar da realidade, contudo sem com esta se confundir. Portanto, ao se construir uma representação social da “realidade”, o imaginário poderia passar a substituí-la. Para Chartier, a idéia de representação teria por base uma maneira pela qual certa realidade seria erigida, pensada e levada a realizar diferentes leituras por diferentes grupos sociais. Desta forma, a construção das identidades sociais resultaria da relação de forças entre as representações impostas por quem tem o poder de classificar e nomear e a definição que cada comunidade faz sobre si mesma. Para Cornelius Castoriadis, a realidade só existe porque pensamos nela e damos significado aos seus elementos através do pensamento, estabelecendo, desta forma, uma conexão entre realidade e pensamento. O imaginário seria um produto desta relação.

Já a utilização de um romance épico, como fonte documental, nos mostra que cada vez mais se estimula o desenvolvimento de objetos de estudo a partir de obras literárias, intensificando a interdisciplinaridade. Com a chegada de novas tendências historiográficas, principalmente com a terceira geração dos *Annales*, também apareceram novas abordagens e objetos de discussão acerca do que poderia ser

trabalhado como documento. Se o pensamento positivista, que é anterior aos *Annales*, ainda estivesse vigente, provavelmente o trabalho interdisciplinar não teria espaço na academia, já que ele afirma que a Literatura não poderia ser utilizada como fonte documental, cabendo esta função apenas aos textos de “valor histórico”. Todavia, este tipo de pensamento tem pouca base de sustentação, tornando-se incompatível com o discurso histórico em vigência.

Esta discussão nos leva, de certa forma, à dicotomia subjetividade – objetividade do documento, que faz parte do legado positivista e que se tornaria o guia para os historiadores desta linha historiográfica acerca da legitimidade de um documento. Enquanto o material literário se portasse de maneira subjetiva, este só teria plausibilidade se respaldado pelo discurso histórico – de cunho, para os positivistas, objetivo. Contudo, este tipo de pensamento não haveria de perdurar. Nem todas as idéias acerca de um documento são objetivas. Muitas vezes, esta escolha pode ser guiada por causas subjetivas, levando também a uma leitura que dê vazão a várias interpretações, todas possivelmente imaginárias, porém verossímeis. Seguindo este raciocínio, um texto de valor histórico se assemelharia ao literário, já que ambos podem ser trabalhados de forma subjetiva.

Isto nos leva a crer que o historiador também pode extrair uma imagem de uma época que esteja sendo apresentada em uma obra literária. A literatura, neste caso, se basearia na história com o intuito de se tornar um intérprete de certa realidade surgindo, desta forma, mais uma relação interdisciplinar, já que a História apareceria como matéria-prima para a ficção, “reinventando” a suposta realidade. Outro ponto de convergência entre história e literatura se refere às semelhanças que compartilham, no que tange à captação do passado. Da mesma forma que o romance, a história também organiza o tempo, selecionando o que acha relevante. Desta maneira, o historiador também se aproxima da ficção, reinventando o tempo da forma que lhe aprouver, podendo até fazer com que um século caiba em uma página.

Já acerca deste projeto, como homenagem ao autor e também à obra de Musashi – O Livro dos Cinco Elementos –, os capítulos foram separados de acordo com o livro de Yoshikawa: “A Terra”, “A Água”, “O Fogo”, “O Vento”, “O Céu”, “As Duas Forças” e “A Harmonia Final”. Esta divisão se deu no intuito de que se pudesse representar certos aspectos das respectivas obras e também de forma que determinadas especificidades pudessem ser abordadas de maneira adequada. Portanto, o capítulo da Terra se encarrega de trazer a base deste trabalho, mostrando as referências teóricas, o

contexto que o antecede e as respectivas relações acerca da temática orientalista, a literatura e a história e, também, o objeto de discussão.

O capítulo da Água se atém às proposições acerca da produção cultural do recorte temporal japonês citado por Yoshikawa. Segundo Musashi, no seu respectivo livro, o formato da água, em seu estado líquido, depende do recipiente que a contém, podendo, às vezes, ser calma ou mar bravio. Atribuindo estes princípios à cultura, esta apareceria como um produto exclusivo de cada época, se adaptando ao seu tempo de forma que denote tanto as aspirações dos artistas quanto represente as mutações sociais em questão.

No que diz respeito ao capítulo do “Fogo”, ele trata da forma como as artes bélicas são mostradas no livro de Yoshikawa, dando importância ao desenvolvimento das seguintes temáticas: a cultura marcial japonesa, escolas de esgrima, a técnica de Musashi, armas de fogo, a filosofia marcial e os outros estilos de artes marciais existentes no Japão desta época.

O quarto capítulo, “O Vento”, trata dos aspectos sociais japoneses que aparecem na obra: o processo de transformações acerca dos estamentos existentes na época retratada, desde a família imperial até os párias; como se dava a relação entre eles; as cidades e a influência das guerras no cotidiano dos japoneses. “O Vento”, no Livro dos cinco elementos de Musashi, transmite que é necessário conhecer os outros para conhecer a si mesmo. Portanto, para se familiarizar com a obra, é necessário que se tenha certo conhecimento sobre como funciona o sistema hierárquico japonês e como ele afetava o dia-a-dia das pessoas nesta época.

Já no capítulo denominado de “O Céu”, aparecerá em destaque os aspectos religiosos no Japão que são significativos na narrativa: o xintoísmo, budismo zen, confucionismo, as relações entre as religiões e a sua influência na população e no governo.

No capítulo intitulado de “As Duas Forças”, tem-se em destaque a política e economia, as transformações políticas mencionadas na obra e a influência dos governantes nas questões econômicas que são citadas no corpo do texto de Yoshikawa e que servem para entender o contexto da narrativa.

Por fim, temos a “Harmonia Final”, onde são tecidas as considerações finais acerca do trabalho desenvolvido, procurando mostrar, de forma resumida, o que foi discutido e que foi acrescentado ao debate sobre a temática. Ainda, com o objetivo de auxiliar o leitor, segue em anexo, no apêndice, um glossário sobre alguns termos

japoneses que aparecem no texto e um quadro de referências cronológicas acerca da época em questão, assim como um grupo de mapas que ajudem a situar o leitor nas localidades citadas na pesquisa.

Portanto, este trabalho se apresenta como uma iniciativa interdisciplinar entre a história e a literatura, por meio da análise dos aspectos históricos existentes no romance épico criado por Yoshikawa. Também destaca a necessidade de promover uma discussão em torno da temática orientalista com mais intensidade, consequência esta do contexto deste mundo globalizado em que vivemos e que aparece diante de nossos olhos de maneira bastante forte, nos permitindo conhecer outros povos possuidores de culturas tão singulares. Dentro da academia, visa estimular a produção textual sobre novos objetos de estudo de caráter oriental, pretendendo preencher, de certa forma, a lacuna existente em relação à produção acadêmica acerca do Oriente que, infelizmente, ainda caminha a passos lentos. Igualmente, esta contribuição textual visa servir de referência para os trabalhos acadêmicos vindouros sobre a temática proposta.

A Água

*Brisa do amor,
Brinca brejeira nas mangas do quimono.
Ó brisa, como pesam minhas mangas!
Pesaria o amor?*

*Finjo indiferença,
E não mostro o que sinto.
Não o enganem, porém, seus olhos:
Quanto maior a indiferença
Mais profundo é o amor.*

*Canção do teatro Kabuki recitada por Akemi
na beira do rio Takasegawa, em Kyoto,
no livro da Água.*

No romance *Musashi*, o autor cita vários aspectos culturais japoneses. Ele procura retratar a produção cultural desta época como característica importante da narrativa, facilitando ao leitor interagir com o mundo que ele quer representar e, não obstante, enriquecendo o corpo da obra.

Igualmente, todas estas passagens sobre as manifestações culturais do período Edo também refletem o interesse que o herói que Yoshikawa representa nutria pela arte. Já acerca do personagem histórico Miyamoto Musashi, Sabe-se que, além do seu interesse por esgrima, se dedicou à escultura, à poesia e à pintura, deixando em seu legado várias obras. Contudo, para se ter uma idéia melhor acerca da cultura deste período, é pertinente abordar esta produção desde seu estágio embrionário, que teria início no processo de unificação começado por Oda Nobunaga, continuado por Toyotomi Hideyoshi e finalizado por Tokugawa Ieyasu.

A produção cultural retratada na obra remonta ao período Azuchi-Momoyama (1576 – 1615). Denomina-se desta maneira por corresponder ao tempo de governo de Nobunaga Oda e Toyotomi Hideyoshi, onde o primeiro construiu o castelo de Azuchi e, o segundo, o castelo de Momoyama (conhecido posteriormente como Fushimi) ao Sul da cidade de Kyoto. Apesar de Tokugawa Ieyasu se tornar Xogum no ano VIII do período Keicho (1603), a produção



Hotei, divindade da fortuna assistindo a uma briga de galos. Pintura em estilo suibokuga de Miyamoto Musashi.
(www.madeincuritiba.com.br/musashi)

cultural desenvolvida nesses primeiros momentos do novo xogunato são impregnados com as influências culturais deixadas por seus governantes anteriores. Desta forma, tem-se como marco final desta época a queda do castelo de Osaka, de posse do filho de Hideyoshi, Hideyori, em 1615.

Esta época foi marcada pela centralização política, o desenvolvimento do artesanato e da economia, fatores que foram, aparentemente, refletidos na cultura. Antigas formas artísticas caíram em desuso e as pessoas desenvolveram novas forças, produzindo um fenômeno cultural inovador. Os novos governantes também tiveram importância no tocante à contribuição artística, tendo representações de seu espírito empreendedor refletidas, numa manifestação sem precedentes no território japonês. A criatividade da população começou a interpretar novas áreas da vida, o contato com o Oeste, ou o Ocidente, que, aparentemente, quase não existia antes, se intensifica, trazendo mudanças às vidas das pessoas. Pela primeira vez, os japoneses se tornam conscientes da localização do Japão no globo terrestre, e começam a viajar ao redor do mundo. Seu senso de conhecimento e mistério foi estimulado pela cultura Ocidental, já que é neste período que são inseridas, em território japonês, tanto as armas de fogo quanto cultura espiritual do cristianismo.

O amadurecimento desta sociedade e o desenvolvimento do comércio nas áreas urbanas viram a emergência de mercadores com enorme poder financeiro. Enquanto os líderes guerreiros tentavam controlar os movimentos destes negociantes nas cidades sob seu controle, estes, por sua vez, se tornaram habilidosos em manter sua influência e intensificar suas relações com os samurais. Sob este sistema, castelos e cidades ao seu redor viram nascer uma cultura criativa, em equivalência às trocas além-mar e ao comércio urbano.

Esta época presencia um grande movimento dos *daimyo*, no intuito de melhor administrar seus *han*. Eles escolhem cidades para ser sede de seus governos, construindo nelas seus castelos. Estas construções, comumente, são conhecidas como complexos militares. Entretanto, os que foram erigidos a partir do período Azuchi-Momoyama, em decorrência do período final das guerras civis e da introdução das armas de fogo, foram desenvolvidos de maneira mais sofisticada e construídos em grande escala.

Os castelos também serviam para demonstrar o poder de seu governante. Segundo Yamashiro (1978), eles possuíam uma torre que era chamada *tenshukaku*, de cinco a sete andares de altura. Estas construções serviam para guardar diversas coisas,

desde objetos bélicos a obras de arte. Como símbolo de poder de um líder, um castelo não podia apenas ser equipado com um *tenshukaku*, mas também acabaria por se tornar um centro diversificado para artes plásticas como arquitetura, escultura, artesanato, pintura e jardinagem, todos contribuindo esteticamente para o conjunto. Além disso, os castelos, com o tempo, perderiam suas características militares, em favor de aspectos políticos e espirituais.

Como exemplo da influência dos castelos, como conservadores da produção cultural deste período, pode ser citado o castelo de Azuchi, que foi construído por ordem de Oda Nobunaga em 1576. Foi um grande palácio, onde uma variedade de artes plásticas combinava para produzir um visual de imponência militar, financeira e política. O alto estilo do castelo Azuchi foi assumido por Toyotomi Hideyoshi, que o



Castelo Himeji, construído em 1609.
(www.commons.wikimedia.org)

levou para o castelo de Osaka, para o Palácio Jurakudai – onde recebera o Imperador – e para o Castelo Fushimi em Kyoto. O castelo Himeji, também conhecido como Hakurojo ou castelo da Garça Real, construído por Ikeda Terumasa e terminado em 1609 é uma das representações desta época e um dos pontos turísticos mais importantes do Japão, atualmente. No romance de Yoshikawa, é neste castelo que o jovem Takezo permanece três anos em seu *tenshukaku*, estudando, por ordem do monge Shuho Takuan.

Quando um *daimyo* construía tal castelo ou uma grande residência, ele desejava artistas de renome para que fizessem grandes pinturas para decorar o interior e outras dependências. Ao que parece, a escola Kano foi muito conhecida pelo seu estilo, que incorporava cores ricas e vigorosos traços. Suas composições em larga escala eram novas para a pintura japonesa, que até então prezava pela simples elegância e delicadeza. As pinturas decorativas dos castelos Azuchi, Osaka e o palácio Jurakudai são atribuídas a Kano Eitoku. No entanto, elas são, aparentemente, um esforço dos discípulos deste, trabalhando sob sua direção. É válido salientar, porém, que é no período Azuchi-Momoyama que a arte se separa da religião. Sob influência do budismo desde o período Nara, tanto a pintura quanto a escultura perdem terreno e são substituídas pelas pinturas em *fusuma*⁶ e por esculturas decorativas. É nesta época que a arte religiosa cede lugar à secular.

Outro elemento que faz parte da cultura japonesa é a cerimônia do chá. O chá foi introduzido no Japão durante o período Kamakura (1192 – 1333), por monges budistas, como uma bebida medicinal. Todavia, terminou por ascender a status de cerimonial, tornando-se único no Japão. Foi desenvolvida por Murata Shuko, que serviu o xogun Ashikaga Yoshimasa. Shuko era um crente na idéia de condução da vida em reclusão e harmonia, com a natureza e com os fenômenos naturais.

No período Muromachi (1338 – 1573), senhores guerreiros e mercadores, quando se encontravam para discussões políticas ou comerciais, aproveitavam para servir chá. Era considerado um prazer refinado sentar em uma sala de chá separada das preocupações da vida lá fora e ouvir o som da água fervendo no fogareiro. Foi Sen-no Rikyu que elevou o ato de beber chá ao nível de arte. É importante perceber, entretanto, que ele foi habilidoso em desenvolver a arte da cerimônia do chá como se fizesse parte de elevado contexto social, embora fosse um cidadão comum. Esta cerimônia era apreciada tanto por mercadores como pelos samurais, que encontravam na sua prática um tipo de “fuga da realidade”. Muitos a viam como um momento de alívio contra as pressões do mundo. E este tipo de pensamento era refletido no design que Rikyu projetou para uma sala de chá, onde esta deveria simbolizar a paz, a confiança e a amizade. A popularidade do culto ao chá contribuiu para o desenvolvimento de outras artes, como a cerâmica, os arranjos florais e para um novo estilo arquitetônico denominado Sukiya, que era representado pela sala, ou casa, de chá.

⁶ Porta corredeira entre aposentos.

Por ser um período considerado curto – cerca de trinta anos –, comparando com outros recortes históricos japoneses, Azuchi-Momoyama é visto como um momento de transição. Contudo, esta época já denota sinais da era seguinte que despontava no horizonte, Edo.

No período Edo, as cidades começam a ter mais visibilidade, graças à paz imposta pelo xogunato Tokugawa. Sem guerras à vista, um dos grupos que começa a ter maior visibilidade é o dos comerciantes, que passam a ter uma vida mais suntuosa que a dos samurais, em alguns casos. Com um poder aquisitivo maior, começam a participar de maneira mais ativa da produção cultural do país, que antes era limitada apenas aos bushi e outros letrados. Em suma, com a economia em crescimento, os samurais e os camponeses, que dependiam da produção da terra, acabaram por estagnar financeiramente, enquanto o poder dos mercantes, que empunhavam o capital comercial, continuava a crescer.

O que se percebe é que, com a consolidação da paz interna, os governantes e seus guerreiros terminam por se habituar à vida confortável das cidades e, por sua vez, os comerciantes começam a possuir maior visibilidade, devido ao seu poder financeiro e ao interesse crescente pela arte. Este contexto, possivelmente, facilitou o desenvolvimento de uma cultura com características mais populares, não se limitando apenas ao âmbito dos daimyo e dos ricos comerciantes. Este modelo cultural, desenvolvido a partir do estilo Momoyama, seria denominado, posteriormente, Genroku.

No entanto, uma das causas mais importantes na popularização cultural do início da era Edo seria a difusão do ensino. Antes apenas um privilégio da nobreza, dos sacerdotes, monges e, posteriormente, dos samurais, ele se torna mais abrangente ainda no período Muromachi, com os monges budistas da seita Zen, que ensinavam a qualquer pessoa interessada a ler, escrever e a utilizar o soroban (ábaco utilizado para efetuar cálculos). Este modelo de ensino era chamado de terakoya. O que se percebe, no xogunato Tokugawa, é que há uma expansão do ensino baseado neste sistema. Eles não se limitam mais aos mosteiros de Kyoto ou Kamakura, funcionando em toda parte e alcançando grande número de crianças. Já as meninas aprendem lições de costura e até de cerimônia do chá.

Como as manifestações culturais deste período apenas se consolidariam durante o governo do terceiro Xogum, Iemitsu, onde suas representações principais apareceriam na forma do teatro kabuki, da pintura em estilo ukiyoe, artesanato e literatura (haikai,

jururi e romances), o início desta era presenciaria uma continuação da produção artística, em vários segmentos, do recorte temporal anterior e a difusão destas manifestações culturais através do ensino.

Musashi vive durante estes dois períodos, o Azuchi-Momoyama e o início do Edo. Várias são as passagens no livro que Yoshikawa se vale para citar elementos culturais e realizar comentários acerca destes. Tomando por destaque as manifestações citadas acima, elas podem ser percebidas, entre outras, nos trechos que o autor aborda a reforma do castelo Fushimi; o encontro de Musashi com Hon'ami Koetsu, conceituado artesão e intelectual, que promove uma cerimônia de chá às margens de um rio; a visita de Akemi com Yoshioka Seijuro a uma encenação ao ar livre de Kabuki – que começaria a despontar como forma teatral e seria reconhecido, posteriormente, como a arte dramática japonesa –, entre outras citações. Este panorama cultural, traçado por Yoshikawa, além de nos oferecer conhecimento acerca das práticas cotidianas e artísticas em vigência, apresenta um lado humano dos principais personagens, que, através da cultura e do entretenimento, procuram fugir das atribulações de suas vidas e dos cansaços do trabalho.

Nos subúrbios das grandes cidades japonesas, com esta difusão cultural que aparece no xogunato Tokugawa, desponta cada vez mais a movimentação em hospedarias, graças ao fluxo crescente de pessoas que começa a migrar para as os grandes centros urbanos. Com isto, bairros como as “zonas alegres” – as áreas de meretrício – começam a ter maior popularidade. Nestas localidades, além da “diversão” com as gueixas e saquê, havia encenações de danças seguidas de músicas, contribuindo, de certa maneira, à propagação de uma cultura antes elitista. Este exemplo nos mostra a nova abrangência das artes do início da era Edo, decorrência da popularização da mesma.

Traçando um paralelo com o período que o próprio autor viveu, percebem-se certas semelhanças no que se refere às transformações na sociedade, que acabaram por ter seu reflexo na produção cultural. O xogunato Tokugawa difundiu a cultura existente através da educação direcionada à população das cidades, através do sistema de *terakoya*. Meiji, por sua vez, se valendo da ocidentalização do Japão em seu período, adota o sistema francês de ensino, criando escolas primárias, secundárias e superiores. Com isto, a difusão da cultura termina por alcançar pessoas de todas as idades e segmentos sociais, coisa que não era possível antes, na época do xogunato.

Todavia, é importante salientar que este novo sistema educacional implantado durante a Restauração levou ao desenvolvimento de um movimento literário singular, baseado em antigos moldes japoneses e mesclado com as tendências ocidentais. Neste ponto, poderia-se diferir o tempo que Yoshikawa viveu e o período retratado em sua obra. Apesar dos dois serem épocas de mudanças radicais na vida dos japoneses, o primeiro absorve de maneira mais forte as influências ocidentais, enquanto o segundo, pode se dizer, dá continuidade à produção cultural já existente, sem praticamente nenhum contato com o exterior.

O trabalho de Yoshikawa também poderia ser visto como edificador de um projeto nacional. A Era Meiji tem fim com o falecimento do Imperador em 1912, tendo continuidade o período Taisho – que passou por conflitos com a China, Rússia e Coréia. Em seqüência, a Era Showa, governada pelo *Tenno* Hirohito, presencia a grande depressão de 1929. O Japão, durante este governo, seria incorporado à Segunda Guerra Mundial, em 1936, aliando-se à Alemanha e à Itália em seus respectivos processos de expansão. O país passa a ter tendências fascistas, passando a reprimir manifestações populares e a influenciar a política, economia, cultura e outras atividades nacionais. Durante esta época, Yoshikawa é enviado à China para ser correspondente de guerra do jornal onde trabalhava, o *Asahi Shinbun*. É neste contexto de conflitos que surge *Musashi*.

Popularmente, este samurai, considerado personagem folclórico japonês, era conhecido por sua excelência em *kenjutsu* e também possuidor de conhecimentos diversos, como foi citado anteriormente, em caligrafia, pintura e escultura, sendo também um seguidor do budismo zen. Yoshikawa, em sua trajetória literária, se dedicou a escrever novelas históricas, adaptando contos populares japoneses e transformando-os em romances. *Musashi* apareceria a partir do encontro entre as lendas deste samurai e do interesse de Yoshikawa por adaptar histórias japonesas. De alguma forma, o autor contribuiu para desenvolver certo projeto nacional, já que o *Musashi* representado na obra contém as virtudes veneradas pelo povo japonês, o que levaria à interpretação de que o livro funcionaria como um elemento difusor das qualidades prezadas pelos japoneses e, conseqüentemente, pelos seus governantes, passando a atuar como um símbolo.

Segundo Edwin O. Reischauer, que é responsável pela autoria do prefácio da edição em inglês do romance, traduzido para o português por Leiko Gotoda na edição brasileira, os personagens que figuram a obra de Yoshikawa tiveram tanta influência

sobre a população daquele país que passaram a participar do “folclore vivo” do Japão, onde as pessoas começaram a se familiarizar e se comparar a eles com frequência. Esta afirmação reforça a idéia de como os japoneses viam a si mesmos e ao seu passado.

Em suma, analisando a intensidade com que os elementos culturais japoneses são abordados no romance, percebe-se que há certo cuidado do autor em apresentar o contexto de tais práticas, procurando explicar as causas e o desenvolvimento destas manifestações como decorrências do contexto em que os personagens viviam. Fazendo uma analogia com a abordagem cultural do romance, Este trabalho de Yoshikawa se apresenta como consequência das tendências culturais do seu tempo, tanto na forma como no tema: *Musashi* é escrito como uma novela, um modelo ocidental de escrita que chega ao Japão com a difusão da literatura ocidental, através da propagação dos meios de comunicação e do ensino. Outrossim, pode ser visto como uma consequência desta época de conflitos para a população japonesa, que precisava se apegar a quaisquer formas de suporte moral para sobreviver ao caos que as guerras tinham trazido.

Permitindo outra interpretação, apesar do caráter combativo do protagonista, a obra remonta a um período de certa paz no Japão, embora imposta pelo xogunato. Partindo desta leitura, *Musashi* poderia representar também uma forma de protesto, oculto, contra as guerras que o Japão participava e pela vontade de expansão de seus governantes, ideais que não eram compartilhados pela população.

O Fogo

Desde a minha juventude, dediquei o meu espírito aos mandamentos da arte militar, disciplinando as mãos e educando o corpo mediante intensos treinamentos de esgrima, exercitando constantemente o meu espírito.

Observando e pesquisando outras escolas, verifiquei que algumas oferecem apenas hábeis frases de efeito, outras não exigem nada além de pequenas habilidades técnicas e se ocupam tão somente da aparência. Nenhuma apresenta um espírito autêntico.

[...] A esgrima, kenjutsu, tem por finalidade a assimilação dos verdadeiros mandamentos da arte militar para vencer na luta contra inimigos. Esse método deve preservar a integridade de seus princípios.

Miyamoto Musashi, capítulo do Fogo, no Gorin No Sho.

Yoshikawa aborda vários elementos culturais japoneses durante a narrativa de *Musashi*. Entretanto, ele foca grande parte de sua narrativa nas artes marciais, já que o objetivo principal do protagonista é entender o verdadeiro caminho da espada. Para isso, ele passa por várias provações, sempre no intuito de desenvolver suas habilidades na esgrima.

Apesar da maioria dos personagens serem originários da imaginação do autor, ele acaba por misturar estas figuras fictícias a personalidades históricas supostamente conhecidas do passado japonês, sempre seguindo a narrativa histórica de Musashi. No livro, traçando uma linha que parte da batalha de Sekigahara, acompanhamos nosso herói em suas andanças por grande parte do Japão, seguindo seus vários duelos contra personagens famosos em suas respectivas artes marciais. A título de exemplo poderíamos citar o



Monumento erigido na ilha de Funashima em homenagem à batalha de Musashi e Sasaki Kojiro. (<http://bushido-theway.blogspot.com>)

mestre Muso Gonnosuke, e sua habilidade como o bastão; Shihido Baiken, especialista na arma denominada de *kusarigama*, os três embates contra a escola Yoshioka de esgrima, feito este que deu à Musashi uma fama de projeção nacional e, por fim, o seu combate mais conhecido, contra Sasaki Kojiro, na ilha de Funashima.

Levando em conta o contexto deste período japonês, outra das importantes transições que aconteceram diz respeito ao setor de armamentos. Já na segunda metade do século XVI, os mosquetes, que haviam sido recém-introduzidos pelos portugueses, tinham se transformado em elementos decisivos em batalhas. Entretanto, numa região “pacificada” eles perderam um pouco da sua utilização. Este movimento fez com que a casta samuraica reatasse seu tradicional afeto para com as espadas.

Com a diminuição das oportunidades de se utilizar armas brancas em um combate real, as habilidades marciais acabaram por se tornar elementos culturais, transformando-se, por sua vez, em “artes” marciais, onde estas passaram a dar mais importância ao autocontrole e às “qualidades edificantes da esgrima”.

Nesta época, as escolas de esgrima começam a se propagar por todo o território japonês. Visando não apenas ensinar as técnicas de guerra, os mestres destas academias acabariam por iniciar um processo de requintamento da arte militar de manejar armas de combate, em especial a *tachi*⁷. Igualmente, não visavam apenas o desenvolvimento físico do praticante, mas também a sua evolução psicológica. Com isto, desenvolveu-se um misticismo ao redor da espada, se tornando cada vez mais filosofia, no lugar de técnicas de combate.

É interessante notar que através da leitura do romance, pode-se perceber que a narrativa de Yoshikawa ilustra estes processos que estavam em curso no território japonês. Tomando a trajetória do desenvolvimento marcial de Musashi no livro, podemos notar estes aspectos: aos poucos, ele se transformou, de um guerreiro instintivo, em um homem que procurava a autodisciplina ao estilo zen, tendo o próprio domínio do seu íntimo e almejando um sentimento de unidade para com a natureza ao seu redor. O autor retrata o protagonista como uma pessoa que gradativamente evolui as suas habilidades marciais em um método de edificação do caráter.

Do ponto de vista histórico, a cultura marcial japonesa provém de um tempo muito distante; ainda com as primeiras guerras entre os *daimyo* e o estabelecimento dos samurais no governo nipônico. É neste período que estas escolas aparecerão como

⁷ Nome japonês para espada longa, katana.

locais de desenvolvimento físico e psicológico. Durante o desenrolar do romance, Musashi se encontra com vários oponentes, de estilos marciais diversos. O próprio Miyamoto Musashi afirma, em seu *Gorin no Sho*, que um verdadeiro artista marcial não deve se ater apenas a um tipo de arma, mas dominar tantas quanto puder. Aliás, este é um dos ensinamentos da própria escola que desenvolveu, o *Niten Ichi Ryu*⁸ Neste estilo, o praticante aprende a utilizar as duas espadas, ao invés de uma, em oposição à tradição samuraica.

Segundo Yoshikawa, no romance, Musashi desenvolveu este estilo de maneira inconsciente, durante um dos seus confrontos com a escola de esgrima Yoshioka. Musashi teria enfrentado esta escola pelo menos três vezes. O autor conta, que seu primeiro oponente desta escola foi Yoshioka Seijuro, mestre responsável pela escola e sucessor direto do estilo deixado pelo seu pai, Yoshioka Kenpo. Esta contenda se deu numa campina próxima ao templo Rendaiji, em Kyoto. Musashi teria esmagado o ombro de Seijuro com uma espada de madeira, incapacitando-o permanentemente. Seu segundo oponente dos Yoshioka foi Denshichiro, irmão mais novo de Seijuro, porém mais robusto. Nesta luta, Musashi, se valendo mais uma vez de uma arma de madeira, esmagou o crânio de Denshichiro, vencendo o embate.

Por fim, como último recurso da escola, decidiram marcar um desafio com Musashi em uma bifurcação de uma estrada, marcada por um pinheiro, próximo ao Mosteiro de Ichijoji, que ficava longe da cidade. Entretanto, este desafio tinha um detalhe peculiar. O seu oponente seria Genjiro, uma criança de treze anos. Segundo Yoshikawa, esta criança era sobrinha de Seijuro, e, conseqüentemente, o último representante direto do estilo Yoshioka. Outro detalhe é que foi permitido ao menino utilizar outros alunos da escola para ajudá-lo. Musashi aceita prontamente.

Neste duelo, Musashi, prevendo uma emboscada, chega sorrateiramente ao local, e percebe uma grande concentração de pessoas, em torno de sessenta, tanto próxima ao pinheiro – guarnecendo o



**Ichijoji Sagarimatsu.
Local da batalha entre Musashi
e a escola Yoshioka
(www.niten.org.br)**

⁸ Escola de Duas espadas. Niten, no caso, também pode ser interpretado como Dois céus.

menino – quanto no trajeto que leva ao pinheiro solitário de Ichijoji. Ao perceber as nuances da emboscada, ele se aproxima de surpresa do pinheiro, mata os ajudantes do menino Genjiro e em seguida o espeta com sua espada contra a árvore centenária. Depois disso, procura fugir de todas as maneiras. Como um animal desesperado, ele procura se desvencilhar dos seus inimigos de qualquer maneira. É durante esta fuga que ele utiliza pela primeira vez as duas espadas em um combate. Musashi consegue fugir, deixando para trás a criança morta e um sem número de corpos rasgados pelas lâminas de sua espada. Esta contenda acabaria com a reputação e com a linhagem da família Yoshioka, antes conhecida como a mais forte do país, e daria a Musashi fama e desprezo, por ter matado um menino. Este duelo seria conhecido na posteridade como o Duelo de Ichijoji.

Ainda seguindo a narrativa do livro, apesar dos comentários acerca da conduta de Musashi após este episódio, ele de certo modo se arrepende por ter matado a criança, mas, acha respaldo na lei do samurai, que diz que numa disputa, o objetivo é vencer o adversário, no caso, o menino. É válido notar que, embora o código de ética do *samurai* ainda não tenha sido desenvolvido de maneira escrita (o que aconteceria posteriormente e se chamaria *bushido*, o caminho do *bushi*), nesta época já havia um orientador moral, que ditava a conduta de maneira oralizada, ou repassado através das tradições marciais. No romance de Yoshikawa, apesar de ser autodidata, Musashi tinha consciência destas normas e procurava segui-las à risca.

O Vento

Sem conhecer bem os outros, é difícil conhecer a nós mesmos.

*Miyamoto Musashi, no Gorin No Sho,
sobre o livro do Vento*

No Japão que Yoshikawa representa, os estamentos japoneses estavam em processo de consolidação, podendo haver, portanto, certa mobilidade social. A título de exemplo: uma pessoa que nascesse de uma família de camponeses poderia subir para altas patentes do governo, tornando-se samurai, em primeiro lugar, e aspirando a cargos políticos, posteriormente. Todavia, apesar de possível, não era uma coisa freqüente. Apenas no regime de Tokugawa é que se verá bem definida a estruturação de castas japonesa.

Para compreender melhor este processo, é importante conhecer algumas particularidades a respeito do modelo social nipônico. Segundo Ruth Benedict, no seu estudo sobre a sociedade japonesa intitulado “O Crisântemo e a Espada”; no Japão, todos, desde a mais tenra infância, são ensinados que possuem uma “devida posição” na sociedade e que devem respeito àqueles hierarquicamente “superiores”. Este sistema começa no seio familiar, onde a criança, desde os primeiros anos de vida, é ensinada a agir de maneira respeitosa para com os outros familiares, havendo variações de idade, sexo e geração. Os mais novos devem respeito aos mais velhos, sendo esta atitude retratada na forma de cumprimentos e linguajar de maneira polida, indicando submissão conseqüente da importância do mais velho como peça importante no meio em que vive. As mulheres também devem respeito aos homens, mas também gozam de certa liberdade e possuem responsabilidades singulares que são, para eles, inerentes ao seu sexo. Mas, é válido frisar que este modelo, baseado na idéia de uma “devida posição no mundo”, nada mais é que resultado do grau de responsabilidades que cada um assume com o passar do tempo. O pai ou irmão mais velho são os chefes da família, responsáveis pela casa; são eles quem assumem a incumbência de tomar várias decisões acerca dos outros parentes. Contudo, não agem de forma arbitrária, procurando manter a honra da casa, pensando nas exigências familiares em detrimento das pessoais. Portanto, este respeito hierárquico é uma maneira de reconhecer a importância de cada um como ferramenta essencial no mecanismo social familiar japonês. Todo este sistema que é aprendido no meio familiar pode ser aplicado nas esferas econômicas e políticas,

posteriormente, onde a pessoa age de maneira adequada para com aqueles que possuem uma “posição mais elevada”, ou seja, reconhecidamente mais importantes, na hierarquia social. A autora ao escrever esta obra, o “Crisântemo e a Espada”, nos fala da sociedade japonesa e seu comportamento na Segunda Guerra Mundial. Este livro foi escrito como um projeto, encabeçado pelo governo dos Estados Unidos, para compreender melhor seu inimigo, o *Nippon*⁹, numa tentativa de tentar decifrar os costumes deste inimigo que a própria autora denomina de “formidável”. Entretanto, este trabalho de Benedict nos permite fazer uma leitura da vida do “japonês moderno”, ainda influenciado pelo rígido antigo sistema hierárquico que foi consolidado durante os períodos xogunais, onde o comportamento do Japão durante a Segunda Guerra se mostra como uma extensão destes hábitos seculares.

Durante muito tempo, o povo japonês se viu dividido em diferentes grupos sociais, geralmente de acordo com seu ofício. Eram separados hierarquicamente do seguinte modo: Em primeiro lugar, havia os guerreiros, que eram os samurais, portadores de sobrenomes e do direito de possuir espadas. Esta casta era constituída por outros subgrupos, entre eles, os *daimyo* e seus dependentes, os *gokenin* e *hatamoto* (*daimyo* que respondiam diretamente ao Xogum) e seus seguidores, intitulados de *baishin* e, por fim, os *ronins*, que eram samurais que não tinham um *daimyo* a quem servir. Também podiam ser estudantes de artes marciais errantes, bandoleiros ou mercenários, dependendo do seu contexto. Musashi viveu grande parte da sua vida como um *ronin*: o momento que trata o livro apresenta-o como tal, um andarilho em busca de aperfeiçoamento de seu estilo de esgrima. Em segundo lugar, os camponeses, que eram os fazendeiros que se dedicavam apenas à lavoura. Não possuíam sobrenomes e nem o direito de ter armas. Mas, como tinham, por obrigação de ofício, sustentar toda a família imperial, os *daimyo* e os *samurai*, ou seja, todos acima de sua posição social, encontravam-se em segundo lugar na pirâmide estamentária. Em seguida, aparecia povo da cidade, chamado de *chonin* e que compreendia tanto os artesãos quanto os comerciantes, apresentados nesta ordem, hierarquicamente. Dentre estes grupos sociais, ainda havia outros “subgrupos”, como a família imperial, que se encontrava acima dos *samurai* e compreendia todos os parentes do imperador e também os nobres da corte. Entre os *samurai* e os lavradores se encontravam os monges budistas e os sacerdotes xintoístas e, na base da pirâmide, abaixo dos artesãos e comerciantes, havia os párias:

⁹ Japão.

varredores, carrascos e coveiros, entre outros ofícios, responsáveis pelos trabalhos considerados mais “degradantes” da época.

Neste modelo verticalizado de sociedade, havia normas de procedência entre cada um destes estamentos, de acordo com sua posição hierárquica. Um camponês devia agir de maneira respeitosa para com um *bushi*, enquanto poderia conversar de maneira informal com outro lavrador ou até mesmo de forma condescendente para com uma pessoa “hierarquicamente inferior”. Caso houvesse a quebra de formalidade entre as castas, haveria uma punição adequada para cada tipo de transgressão. Por exemplo, no caso de qualquer um, inferior hierarquicamente, que agisse de maneira imprópria para com um *samurai*, este poderia punir o transgressor até mesmo com a morte, se assim julgasse apropriado. Tokugawa, ao dar continuidade ao projeto político iniciado por Hideyoshi, termina por estabelecer de forma bastante rígida o limite de cada grupo social. Tomando o conceito de castas, este termo se encaixaria de forma adequada aos estamentos japoneses. Uma casta tem por características principais um grupo social hereditário, onde os membros pertencem a uma mesma etnia, profissão, ou até mesmo uma religião, se casando apenas entre si. No Japão, uma pessoa que nascesse um fazendeiro provavelmente exerceria este ofício até o fim da sua vida, passando a profissão para sua progênie. Também não era permitido que um *samurai* se casasse com uma filha de um fazendeiro. Tokugawa terminaria por congelar de maneira bastante rígida estes dois grupos sociais essenciais para a manutenção do seu sistema político e econômico: os *samurai* e os camponeses.

Durante o governo de Hideyoshi, este já tinha começado a separar os dois grupos, através da sua famosa “caça às espadas”. Ele desarmara os camponeses, dando aos *samurai* o direito exclusivo do porte de espadas. Em suma, os *samurai* não podiam mais ser fazendeiros, artesãos ou comerciantes. Deveriam ser agora um grupo considerado “parasita”, que recebia um estipêndio anual de arroz extraído dos impostos que eram atribuídos aos camponeses. Ao *daimyo* cabia distribuir de maneira adequada este soldo, tornando os *samurai* que recebessem esta contribuição completamente dependentes dos seus senhores. Se antes, durante os anos de guerra, o *samurai* era um guerreiro que possuía grandes laços com os seus *daimyo*, devido à conjuntura conflituosa do Japão; nos anos de paz do xogunato Tokugawa, o *samurai* apareceria como um guerreiro dependente economicamente do seu *daimyo*, tornando-se um pensionista de soldo fixo. Havia uma diferença enorme entre os *samurai* e os outros grupos sociais: os fazendeiros, artesãos e comerciantes. Além disso, como citado

anteriormente, as espadas não eram apenas utilizadas como adereços “inúteis”. Eles tinham todo o direito de usá-las contra aqueles que fossem considerados “gente comum” e que agissem de forma inadequada para com a sua posição social, principalmente se houvesse desrespeito para com o *bushi*. É importante perceber que as leis impostas a todos no governo Tokugawa acerca do respeito aos *samurai* nada mais eram que a legitimação de costumes que já vinham desde épocas anteriores. Ao sancionar estes regulamentos, os governantes não pretendiam criar uma dependência mútua entre os camponeses, os *chonin* e os samurais: nada mais era do que uma consequência de uma política baseada em rigorosos regulamentos hierárquicos seculares.

Vale também lembrar que os samurais, nos anos de Tokugawa, não eram apenas manejadores de espadas. Pelo contrário: com a chegada da “paz imposta”, eles se dedicavam cada vez mais a outros afazeres, como o teatro dramático e a cerimônia do chá. Várias tarefas referentes ao protocolo para com o *daimyo* passavam pela alçada dos *samurai*. Da mesma maneira que os comerciantes, os *samurai*, apesar das regulamentações de casta, passaram a desenvolver um sistema de vida que valorizava tanto atividades da corte quanto artísticas, além da prontidão das espadas.

Já os fazendeiros eram o pilar de sustentação dos samurais, da família imperial, do xogum e também dos *daimyo*. Pagavam pesados tributos aos seus senhores, que eram extraídos na forma de porcentagem no montante da colheita. Aos lavradores era destinado, geralmente, apenas 60%, enquanto 40% se destinava ao *daimyo* e todas as famílias de *samurai* que dependiam dele. É válido destacar que este valor poderia mudar de acordo com a região. Os lavradores também não podiam portar armas, medida esta tomada para evitar levantes contra os senhores das terras. Apesar de todas as limitações impostas aos fazendeiros, eles possuíam certas garantias, como pequenas propriedades de terra. Mesmo prestando serviços a um *daimyo*, o camponês poderia ter seu pedaço de chão, que era cultivado com bastante cuidado, já que a terra não poderia ser alienada permanentemente pelo seu senhor. Os samurais limitavam as suas famílias, devido aos limites dos seus estipêndios. Os fazendeiros possuíam a mesma prática, também por causa dos recursos escassos, mantendo o Japão durante muito tempo com praticamente a mesma cifra de população, ao menos nos anos de Tokugawa.

No Japão todos tinham consciência de sua posição na hierarquia e que não podiam exceder sua condição social. Mas, se estas normas fossem infringidas, até mesmo os mais humildes tinham o direito de protestar. Apesar de viverem em extrema

pobreza, os lavradores muitas vezes levavam suas reclamações não apenas ao *daimyo*, mas também às autoridades do xogunato. Contudo, as reivindicações que chegavam aos *daimyo* ou às instituições governamentais, apesar de muitas vezes serem aconselháveis ao Estado, representavam uma afronta à lei rígida de hierarquia. Apesar do julgamento do *daimyo* ou das entidades xogunais favorecer os camponeses, estes haviam violado a lei de sua sujeição, e isto, para a época, não podia ser tolerado. Sendo assim, eram condenados à morte. Pela transgressão da hierarquia, este sistema de punições representava a restituição da lei e da ordem, e as respectivas justificativas para tais atos não tinham nada a ver com as punições. Pela consciência de que o protocolo hierárquico havia sido quebrado, não havia comoção alguma por parte da multidão camponesa, que se dirigia para os locais de execução para assistir as penas capitais. Nas vilas, os defensores das causas camponesas eram considerados mártires, podendo os lavradores, posteriormente, erigir altares para venerá-los como heróis. Eles aceitavam as condenações como parte das leis às quais viviam.

O xogunato Tokugawa procurou, em cada *han* – o domínio territorial governado por um *daimyo* –, tornar cada casta dependente do senhor de seu território, solidificando, neste tipo de investida, a estrutura estamentária em cada região. Com isso, o *daimyo* se localizava no topo da hierarquia em seus domínios. O trabalho do Xogum consistia em controlar os *daimyo*, evitando que se formassem alianças que pudessem abalar o sistema governamental vigente. Entre as medidas tomadas, havia a vigilância rigorosa entre os territórios, com postos de inspeção; o *daimyo* não podia se casar sem a permissão do Xogum, evitando assim alianças políticas; até mesmo o comércio entre os *han* era fortemente desestimulado. Espiões do Xogum sempre o mantinham informado sobre os gastos dos *daimyo*, e, se os cofres deste começassem a se encher, o Xogum exigia que realizasse obras públicas dispendiosas, na intenção de restabelecer o *status quo*. Outra medida interessante empregada pelos xoguns Tokugawa foi o regulamento que obrigava cada *daimyo* a estabelecer residência durante meio ano na capital (*sankin kotai*), e, mesmo quando regressasse à sua terra, deveria deixar em Edo sua esposa, praticamente como uma refém do xogum. A partir destas medidas tomadas pelo governo, a administração mantinha a idéia de superioridade tanto tática quanto hierárquica. Este método também forçava os *daimyo* a gastarem grandes quantias de dinheiro, evitando a acumulação de recursos que pudessem ser utilizados para patrocinar possíveis levantes.

Todo este sistema vertical e rigorosamente hierarquizado é retratado em *Musashi*. Entretanto, o texto nos mostra, ainda, várias situações em que poderia haver mobilidade entre os estamentos. Vários guerreiros que estavam do lado derrotado na batalha de Sekigahara tinham perdido seus empregos como samurai e passaram a viver de maneira modesta como *ronin*, procurando sobreviver como trabalhadores itinerantes ou até mesmo como bandoleiros que saqueavam vilas para sobreviver. Ou poderia acontecer o contrário: na história de Yoshikawa, apesar de estarem do lado dos vencidos na batalha de Sekigahara, Takezo e seu amigo de infância Matahachi procuravam abater um grande general, mostrar que foram valorosos na luta e com isso conseguir o título de samurai e servir a um *daimyo*. Este contexto se parece muito com o do general de Nobunaga, Hideyoshi, que começou como um soldado raso e subiu para as mais altas patentes do governo japonês, terminando como conselheiro do imperador. Neste período de transição, apesar de já existirem simbolicamente, ainda não havia barreiras que delimitassem os estamentos, onde uma pessoa que tivesse nascido como um camponês poderia ascender à categoria de samurai, se pudesse provar seu valor em batalha. Contudo, com as transformações impostas pelo próprio Hideyoshi – que, ironicamente, ascendeu de hierarquia por estes meios – e posteriormente por Tokugawa, estas transições se tornam praticamente impossíveis. Até a própria vida de Musashi exemplifica isso: filho de um *goushi*¹⁰ da região de Miyamoto (atual prefeitura de Hyogo), passa a juventude como um *ronin* e só se torna um samurai no final da vida, depois de reconhecida a sua capacidade marcial.

Outro grupo que começa a se destacar nesta época é o dos *chonin*, dando destaque aos comerciantes. Com as reformas dos castelos e a criação de residências para os *daimyo* na nova capital, Edo, comerciantes que trabalhavam com materiais de construção desfrutaram de grande prosperidade financeira. Com isso, passaram a ter uma vida mais suntuosa que a dos samurais, como foi citado no capítulo da água. Estes moradores das cidades, além de exercer grande influência na produção cultural da época, estabeleceriam relações mais próximas com os *samurai*, no intuito de “tentar” ascender socialmente. Na passagem do romance que tem como pano de fundo a reforma do castelo de Fushimi, onde o amigo de Musashi, Matahachi, trabalha como carregador de pedras, Yoshikawa cita os comerciantes segurando seus ábacos, ávidos por lucro

¹⁰ Os *goushi* correspondiam aproximadamente aos fidalgos rurais e situavam-se entre os samurais e os camponeses. Um *goushi* possuía alguns dos privilégios de um samurai, mas também lidava com a agricultura.

prosperidade, até mesmo almejando outras guerras, já que poderiam ganhar dinheiro com isso.

Na época de Musashi, como foi citado anteriormente, também era comum procurar uma ascendência social através da espada. Muitos *daimyo* empregavam *ronin* com habilidades claras em esgrima, na intenção de aumentar o seu exército e também de facilitar o sufocamento de possíveis revoltas em seu território. Portanto, era comum encontrar samurais peregrinos procurando aperfeiçoar suas técnicas e virem ser contratados posteriormente por um governante de renome. Também havia as pessoas que caíam em desgraça por atitudes que não condiziam com seu status, e que, conseqüentemente, acabavam por perder suas regalias inerentes à sua casta. Muitas vezes, em seguida, eles procuravam a vida religiosa, se tornavam *ronin* ou bandoleiros, tentando sobreviver da maneira que lhe fosse pertinente.

Yoshikawa, em seu trabalho procura explicar de maneira detalhada estas características sociais que são inerentes à sociedade japonesa, provavelmente como uma tentativa de aproximar o leitor do contexto da época que ele quer representar, ou como uma maneira de justificar certas formas comportamentais praticadas por parte do seu povo. A partir da leitura realizada acima, de alguns aspectos sociais que Ruth Benedict apresenta em seu livro, o que pode se perceber é que muito deste sistema hierárquico ficou arraigado no pensamento japonês, apesar da abolição do sistema de castas promovido pela restauração Meiji. Contudo, mesmo na época que Yoshikawa escreve, a Era Edo ainda não era um tempo muito distante. Não havia mais que 67 anos de distância entre a Restauração e o período que Yoshikawa escreveu *Musashi*, o que chega a ser uma existência humana. Também grande parte da cultura existente, apesar de se mostrar nestes tempos com uma nova roupagem, ocidentalizada, ainda denotava sua força, se não em forma material, de forma simbólica e espiritual.

Apesar de se tornar uma nação modernizada, após a Restauração, o Japão ainda reverenciava seus mitos e heróis, e seus habitantes ainda executavam as mesmas práticas dos seus avós, que, possivelmente viveram sob o sistema rígido do xogunato Tokugawa. Tomando como exemplo, mais uma vez o próprio autor, o pai dele, como citado anteriormente, foi um samurai, o que, provavelmente, influenciou o autor na sua formação e nas escolhas por temas literários de teor histórico. Isto nos levaria a considerar que várias manifestações culturais e sociais do período anterior terminariam ainda por vigorar neste Japão modernizado, passando de geração a geração, onde diversos elementos sócio-culturais se transformaram na base do modelo ético seguido

pelos *niponjin*¹¹. Portanto, muitas destas práticas sociais relativas à hierarquia acabaram por se tornar permanências na mente japonesa, notadas ainda nos dias de hoje, em especial no seu idioma. No tocante à maneira de se dirigir às pessoas, cada ocasião exige um tratamento diferente por parte dos interlocutores, dependendo da sua idade, sexo e trabalho.

Seguindo por esta perspectiva, os aspectos sociais encontrados no romance de Yoshikawa podem ser interpretados como uma tentativa de explicar certas práticas do povo japonês como decorrentes de um processo histórico enraizado de maneira bastante firme na consciência de todo o Japão. Para nós, leitores ocidentais, estas informações presentes na obra nos ajudam a compreender melhor o pensamento do povo nipônico, percebendo que há certa conservação de uma tradição que começou há muito e que ainda encontra força em seus descendentes.

¹¹ Japonês em seu próprio idioma.

O Céu

[...] Quando o discípulo se arrumava para partir, viu o Mestre Musashi sanar as dúvidas de três pessoas em ocasiões diferentes.

Musashi cuidava de um bonsai quando um homem se aproximou e perguntou:

– Deus existe?

– Existe – respondeu Musashi.

Pouco depois, uma senhora se aproximou e perguntou:

– Deus existe?

– Não, não existe – disse Musashi.

No final da tarde, uma terceira pessoa fez a mesma pergunta:

– Deus existe?

– Você terá de decidir – respondeu o guerreiro.

Assim que a pessoa foi embora, o aprendiz comentou, revoltado:

– Mestre Musashi, que absurdo! Como o senhor dá respostas diferentes para a mesma pergunta?

– Porque assim como cada bonsai tem uma característica, cada pessoa tem sua própria personalidade. Como são pessoas diferentes, cada uma chegará a Deus por seu próprio caminho. A primeira acreditará na minha palavra. A segunda fará tudo para provar que eu estou errado. E a terceira só acredita naquilo que é capaz de escolher por si mesma.

Satisfeito, na manhã seguinte, o aprendiz partiu.

Retirado do livro “Lendas de Musashi.”

A religião é um tema constante em *Musashi*. Ela aparece de diversas maneiras: citações a personalidades religiosas conhecidas no imaginário japonês; a arte, tendo por exemplo as esculturas que o protagonista faz em homenagem à deusa xintoísta Kanon; os monges lanceiros do templo Hozoin, em Nara; o monge budista Shuho Takuan ou a velha senhora Osugi, mãe do amigo de infância de Musashi, Matahachi, que clama aos deuses que obtenha vingança contra Musashi, a quem ela culpa pela “desgraça” que havia recaído sobre sua família, entre outros. Todos estes exemplos mostram como as religiões apareciam de diferentes formas na sociedade japonesa, onde a população se valia das mesmas de acordo com suas necessidades.

O cotidiano religioso japonês, aparentemente, se sustentava sob três pilares: o Xintoísmo, o Zen Budismo e o Confucionismo, onde apenas o primeiro é de origem japonesa.

O Xintoísmo, por ser autenticamente japonês e ligado ao seu modo de vida, é considerado a religião mais tradicional do Japão. Caracteriza-se como um conjunto de crenças e práticas religiosas de tipo animista – ou seja, seus praticantes acreditam que todos os seres vivos possuem alma – e não contém outros elementos, como um código de leis, filosofia em forma escrita, profetas ou um livro desenvolvido de maneira mais preparada. Todavia, a influência xintoísta na vida japonesa é perceptível não apenas em seus diversos rituais, mas em todos os aspectos da sociedade, tão qual sua abrangência em seu país de origem. Diferentemente do Budismo, o Xintoísmo é dominante apenas em seu país natal e sua prática não sugere repúdio a outras formas religiosas, ou seja, sua existência não é exclusiva pelos seus praticantes, podendo conviver com outras práticas religiosas. Entender o Xintoísmo pode ser essencial para uma melhor compreensão da cultura japonesa, onde sua visão de mundo pressupõe boa parte do comportamento nipônico, assim como sua capacidade de adaptação e absorção de novas idéias, seu comportamento que valoriza a ética, a saúde e seu sentimento de nacionalismo.

O Xintoísmo caracteriza-se pelo culto aos *Kami*. Este termo japonês significa “algo elevado”, “superior”, “absoluto”. Embora não exista tradução precisa, este termo é atribuído aos espíritos sagrados, aos deuses e outras divindades. Contudo, o ideal é não tentar traduzir este vocábulo, mas tentar entender seu conceito, procurando entender quais os seres espirituais que se encaixam nesta idéia.

Personagens humanos que realizem grandes feitos, heróis ou até mesmo o imperador em pessoa – este descendente direto de *Amaterasu* (deusa da criação segundo o Xintô) – recebem veneração equivalente à dos *kami*. No que se refere a heróis, suas façanhas podem ser de qualquer tipo, militar, social ou artística, onde a população pode erigir santuários para venerá-los. Todavia, é válido lembrar que a construção de tais locais religiosos não elevava a pessoa ao nível de um *kami* original e absoluto, ou seja, uma divindade superior, pois não se perdia de foco a idéia de que havia um limite que separava os dois planos de existência: o que se venera no xintoísmo não é a parte humana, mas a porção divina que o levou a realizar grandes proezas.

Por ser uma nacionalista, o xintoísmo não se propagou além das fronteiras japonesas, se limitando à sua experiência em outros países apenas entre os descendentes nipônicos. Contudo, influenciou as religiões que chegariam ao território japonês, entre elas o budismo, com quem estabeleceu uma relação bastante próxima no território nipônico.

O contato entre estas duas religiões modificou ambas. Enquanto os budistas adotaram as divindades xintoístas, estes, por sua vez, aprenderam, através do budismo, a erigir imagens e templos. Houve até mesmo uma tendência sincrética, que afirmava que estas duas religiões eram manifestações da mesma verdade. Tão tal a troca de influências entre as duas que os japoneses praticam rituais dependendo da natureza da ocasião. A título de exemplo, preferem rituais xintoístas para rituais de nascimento e casamento, enquanto rituais budistas em eventos fúnebres.

O Budismo é, provavelmente, originário do Norte da Índia e caracteriza-se por pregar os ensinamentos deixados por Sidarta Gautama, ou *Xaquiamuni* (o sábio dos Xaquias). Possivelmente, viveu entre 563 e 483 a.C. Na atualidade, é amplamente divulgado e possui vários seguidores ao redor do mundo. Apesar de ser considerado uma religião, pelo pensamento popular, não possui um deus criador, dogmas ou o proselitismo. Por estas características, poderia não se encaixar no conceito de religião. Contudo, também não se limita apenas a ser um caminho filosófico, já que visa muito mais que mera absorção intelectual. Com isso, o budismo poderia ser considerado um caminho de crescimento espiritual, guiado pelos ensinamentos dos Budas.

Acerca do budismo Zen, ele deriva da palavra “*Dhyana*”, do sânscrito, que significa meditação e discernimento da “não dualidade” das coisas. O zen poderia se distinguir por uma prática cotidiana de reflexão diretamente sobre a própria mente, levando a pessoa a possuir um autoconhecimento consciente, denominado iluminação. Na China, o zen budismo foi introduzido pelo sábio indiano Bodhidharma, onde adquiriu o espírito prático chinês. Em seguida, chegando ao Japão, foi adicionado ao Zen o caráter sentimental japonês, dando origem a uma vasta cultura.


 The image shows the Japanese Kanji for Zen, which is 禅 (Zen). It consists of two characters: 禪 (Shan) on the left and 單 (Dan) on the right. The characters are written in a traditional, slightly calligraphic style.

Kanji japonês para Zen

Outro elemento religioso definido na narrativa de Yoshikawa é o confucionismo. Nem tanto uma religião, mas um sistema filosófico chinês desenvolvido por Kung Fu Tzu (Confúcio), esta linha de pensamento chinesa chegou ao Japão quase ao mesmo tempo que o budismo. Entretanto, estes dois credos nunca tiveram atrito entre si, pelo menos no território japonês. Em relação ao xintoísmo, este não ofereceu oposição aos pensamentos confucionistas, por já estar consolidado há muito tempo dentre os costumes japoneses. Desta forma, os japoneses que se deixavam influenciar pelo

confucionismo ou do budismo não encaravam este novo conjunto de pensamentos como uma ameaça aos ensinamentos da velha religião xintoísta, e nem mesmo os líderes xintoístas não procuravam gerar tal conflito.

Como a religião se fez presente no cotidiano japonês em vários aspectos, não podia deixar de ser citada no romance.



Templo de Confúcio em Nagasaki, Japão.

Provavelmente, as menções que o autor realiza no filme são intrínsecas ao contexto do período retratado na obra. Tão tal a participação religiosa em *Musashi*, que aparece de maneiras diversas. O protagonista, praticante do zen budismo, ilustra a idéia supracitada de que budismo e xintoísmo conviviam de maneira amistosa. Musashi além de adepto do *zazen*¹², no romance, ele praticava a arte da escultura em madeira, procurando esculpir imagens da deusa xintoísta Kannon.

No romance, Musashi passa por templos budistas e santuários xintoístas, o que dá liberdade ao autor para falar um pouco de como era a interação da população com estes locais considerados sagrados. O protagonista, na verdade, interage com estes locais de adoração de maneiras diversas, no livro: desde enfrentando monges que eram artistas marciais, passando por outros para pedir ajuda devido a ferimentos de batalha e se abrigar de possíveis perseguições, até para prestar reverência às divindades que ele adorava, em especial a deusa xintoísta da misericórdia, Kannon. Em relação ao confucionismo, Musashi adota seus preceitos filosóficos como norteadores morais, no intuito de edificar o seu caráter e guiá-lo ao seu desenvolvimento pessoal.

Outra figura que era bastante apegada às práticas religiosas e que pode ser tomada como exemplo é a mãe de Matahachi, Osugi. Após jurar caçar Musashi e matá-lo, por acusá-lo de trazer desgraça à sua família, ela sai em peregrinação em companhia do tio de Matahachi, Gon, no intuito de concluir sua promessa. Ao longo de sua trajetória, ela vive rogando aos deuses que a iluminem na sua jornada e, sempre que passa por um templo ou santuário, não deixa de prestar suas devidas homenagens aos *kami* que reverencia.

Contudo, o personagem religioso mais importante do romance é o monge Shuho Takuan. Ele aparece em vários momentos da narrativa, muitas vezes com uma postura

¹² Prática de meditação difundida no zen budismo.

alegre, porém sábia, ajudando as pessoas da maneira que pode e demonstrando grande influência dentro do meio político. No começo do livro, além de conseguir capturar o jovem foragido Takezo, doutrina-o, praticamente, nos ensinamentos de Confúcio e na prática do *zazen*. Ajuda também outros personagens, como Otsu, apaixonada por Musashi, em suas andanças em busca de seu amado. No livro, Takuan aparece como uma pessoa de grande sabedoria e influência, se tornando peça-chave para o desenvolvimento da trama.

Como se pode perceber, o autor retratou de maneira intensa os aspectos religiosos japoneses em seu trabalho, considerando algumas minúcias e atribuindo aos personagens características pessoais associadas a uma intensa atividade religiosa. Há de se destacar que este contexto religioso que ele apresentou, através do seu romance, não difere muito dos tempos atuais, onde ainda há uma grande tradição religiosa no território japonês, principalmente através dos eventos festivos do seu calendário, que mistura datas xintoístas e budistas.

As Duas Forças

Governar, defender e aprimorar... Se pudesse divisar o caminho de esgrima ideal, não poderia ele ser empregado como instrumento para governar o mundo e proporcionar tranquilidade ao povo?

Pensamentos de Musashi, procurando aplicar os princípios da espada à política, no livro das Duas Forças.

A narrativa de Yoshikawa começa após a batalha de Sekigahara. Segundo Yamashiro (1978), esta contenda teve grande importância no processo de unificação do território japonês. Entretanto, as campanhas de unificação política do Japão já haviam começado um pouco antes, com Oda Nobunaga e Toyotomi Hideyoshi, cabendo a Ieyasu a sua consolidação.

Após derrubar o Muromachi *bakufu*, que durou 235 anos, Oda inicia o seu projeto de unificação nacional. Aliando-se a Ieyasu Tokugawa, então *daimyo* da região de Mikawa, ele reúne condições favoráveis sem precedentes na história japonesa para o processo de conquista territorial. Entretanto, quando parte para ajudar seu General Hashiba Hideyoshi (mais tarde conhecido como Toyotomi Hideyoshi), é traído e morto por outro General seu, Mitsuhide Akechi, em Kyoto, no ano de 1582.

Apesar da morte de Oda, cabe ao seu braço direito, Hideyoshi, dar continuidade à empreitada. Depois de tomar conhecimento da morte de seu líder pelas mãos de Mitsuhide, Hideyoshi procura formar alianças com antigos inimigos e executa um forte ataque a Kyoto, o qual Mitsuhide não resiste. Esta estratégia rápida e fulminante logra a Hideyoshi grande prestígio entre os antigos inimigos seus e de Oda. Em seguida, dá continuidade ao processo de unificação territorial, que acaba com a queda do castelo de Odawara, na região de Kanto, pondo, um final nas guerras civis japonesas que tinham começado com a revolta de Onin¹³ e que já duravam cerca de 120 anos. Com isso, a Corte imperial confere a ele o sobrenome Toyotomi e o título de *Kanpaku*, o

¹³ Devido à desorganização administrativa e das dificuldades financeiras do xogunato Ashikaga, também conhecido como Muromachi Bakufu, eclode a chamada Guerra de Onin – assim conhecida por ter ocorrido na Era de mesmo nome –, que acaba por dividir todo o Japão em outras disputas entre *daimyo*. Esta guerra é considerada o marco inicial do Sengoku Jidai, o período das guerras civis. Durante o Sengoku Jidai o prestígio do xogum é reduzido a zero, onde vários *daimyo* procuram usurpar o poder central. Yamashiro, (1978).

conselheiro do imperador e a mais alta patente palaciana. É importante lembrar que é Hideyoshi que, depois de derrotar Mitsuhide Akechi, constrói um grande castelo-fortaleza em Osaka, para que seja sede de seu governo. A partir da enorme obra, uma cidade próspera surge aos redores deste castelo.

Também vale a pena frisar que tanto Nobunaga quanto Hideyoshi procuraram se aproximar da Corte, visando proximidade e legitimação à conquista do poder realizada por eles. Do outro lado, é de interesse do imperador ter as forças unificadoras do país ao seu favor. É um momento bastante singular na história japonesa e que terá continuidade no xogunato Tokugawa, que também prestará seus respeitos à família imperial, apesar de ter extraído todo o poder temporal do *tenno*.

Agora no poder, Hideyoshi procura implementar políticas de manutenção do poder, trocando alguns *daimyo* de lugar, com o intuito de distanciá-los da capital, Kyoto. Um exemplo disso é a transferência de Tokugawa Ieyasu para a região de Kanto (esta localidade atualmente abriga a capital do Japão, Tokyo), pois ele temia o crescimento do poderio militar deste. Contudo, ainda deixa que os *daimyo* que se renderam a ele permaneçam em seus domínios (coisa que Ieyasu não faz, posteriormente).

Outro ponto importante acerca das políticas praticadas por Toyotomi Hideyoshi é o confisco de armas – a “caça de espadas” – de todos aqueles que não pertencessem à categoria de samurais, em especial os camponeses, afirmando que aos lavradores era apenas necessário dedicar-se ao cultivo da terra. Isto ajudaria a evitar levantes contra o regime por ele imposto e a estabelecer uma linha divisória entre os samurais, camponeses e os *chonin* (habitantes das cidades – ou seja, artesãos e comerciantes). Com estes procedimentos iniciados por Hideyoshi, dificilmente pessoas de origem humilde poderia passar para outra categoria hierárquica. É a partir das transformações implantadas por Hideyoshi que se definirão os estamentos que serão consolidados no xogunato Tokugawa.

Com a morte de Hideyoshi em 1598, o prestígio de Ieyasu, que já era considerável, começa a ameaçar os domínios do clã Toyotomi. Hideyori, herdeiro de Hideyoshi, por ser ainda criança, fica sob os cuidados dos generais do antigo *kanpaku*. Contudo, *daimyo* partidários da causa de Toyotomi arquitetam um plano para acabar com Tokugawa. Os dois grupos mobilizam forças de todo o Japão e, em 1600, a batalha decisiva se dá nas planícies da região de Sekigahara, localidade situada na atual província de Gifu. Daí se extraiu o nome da histórica batalha.

Ieyasu vence a disputa em Sekigahara, conseguindo o controle político de todo o Japão. Os partidários de Toyotomi que sobreviveram à contenda são punidos de várias maneiras: desde a execução por harakiri até a perda da propriedade ou a diminuição de territórios (Yamashiro, 1978.)

Já outros são transferidos para outras localidades do Japão. Hideyori, contudo, consegue manter o castelo construído por seu pai, em Osaka. Em 1603, seguindo a estratégia iniciada por Oda Nobunaga e continuada por Hideyoshi, Tokugawa presta seus respeitos para com a família imperial, que o nomeia Xogum, mas em seguida, dois anos depois, transfere o cargo para seu filho Hidetada.



Ilha de Honshu, a maior do Japão. Destaque para a cidade de Gifu, no centro do mapa, entre Tóquio (antiga Edo) e Osaka.

Outra decisão importante tomada pelos Xoguns Tokugawa diz respeito à política externa. Como as relações com os outros países tinham se intensificado durante o governo Toyotomi, os primeiros Xoguns do período Edo fecham os portos para todas as nações, deixando aberto para o comércio – holandês – apenas a ilha de Dejima, sendo os estrangeiros expressamente proibidos de estabelecer contato direto com os japoneses, a

não ser que possuíssem as devidas autorizações. Com esta medida baixadas pelo governo Tokugawa, o Japão se isolaria praticamente de todo o resto do mundo.

Apesar de transferir o título de xogum ao filho, Ieyasu mantém enorme influência na administração dele. Transfere a sede do poder para a cidade de Edo, atual Tóquio, que se transforma na capital política e centro cultural do Japão. Posteriormente, em 1614, Hideyori, ao atingir a maioridade, tenta iniciar um levante no castelo de Osaka. Contudo, Ieyasu consegue esmagar as últimas forças oposicionistas ao seu poder, terminando por delimitar os alicerces de um xogunato que duraria mais de 250 anos. Ieyasu morre em 1616.

Yoshikawa menciona vários destes eventos durante o texto. O livro tem início após a batalha de Sekigahara. Também, ao descrever a passagem de Musashi por Kyoto para enfrentar a academia

Yoshioka, ele faz um panorama geral da localidade, mostrando que, apesar da paz imposta pelo novo regime, ainda havia um clima de apreensão pairando sobre a população. Mesmo que a batalha de Sekigahara fizesse parte do passado (Musashi enfrenta a



Representação da batalha de Sekigahara.
(Batalha de Sekigahara - wikipedia)

academia Yoshioka pela primeira vez no décimo ano do período Keicho – 1605 da Era Cristã), ainda havia um pouco de desconfiança nas pessoas a respeito desta paz de armas, que mais parecia um estado de sítio permanente, e que poderia romper em uma guerra a qualquer momento, já que os partidários de Hideyori que sobreviveram a Sekigahara estavam desaparecidos e havia rumores que o filho do antigo *Kanpaku* estava reunindo forças no castelo de Osaka. Apesar da prosperidade alcançada por Kyoto, conseqüência do fim das guerras, os populares não cogitavam isto como um indício de paz duradoura. No capítulo que trata do primeiro desafio de Musashi contra a escola Yoshioka de esgrima, o autor trata de traçar um perfil do Japão após a batalha de Sekigahara, visando mostrar a insegurança que os populares ainda pareciam sentir em algumas cidades importantes da época, de alguns rumores acerca dos intentos de

Hideyori, procurando este criar um exército de *ronin* e iniciar um levante a partir do castelo-fortaleza de Osaka, erigido pelo seu pai.

Com estas menções históricas, Yoshikawa nos dá uma visão geral de uma época que ainda tinha muito dos governantes anteriores. A batalha de Sekigahara ainda não estava distante, e o castelo de Osaka ainda representava uma ameaça em potencial ao novo xogunato. É importante notar, no decorrer do enredo, que à medida que os personagens se encontram com outras figuras importantes da narrativa, como sempre se há de discutir temas como política ou economia, quando não são seguidos de comentários do próprio autor, na iniciativa de situar melhor o leitor acerca das conseqüências das transformações político-econômicas da sociedade japonesa.

Ainda tomando por base o romance, pode-se constatar que as transformações realizadas por Tokugawa agradavam parte da população, especialmente das cidades. Em primeiro lugar, o fim das guerras trouxe um pouco de tranqüilidade para as pessoas; em segundo, com a construção e reforma dos castelos, por ordem do xogunato, alguns empregos foram gerados para as os *chonin* que eram considerados párias, ou até mesmo desempregados e mendigos; em terceiro lugar, os comerciantes lucravam de qualquer maneira – tanto com as guerras, na forma de suprimentos quanto em matéria-prima para as reformas dos castelos e residências dos *daimyo* na capital, Edo. No campo, aparentemente, estas mudanças não trouxeram muitas diferenças para os lavradores, já que continuariam como as suas obrigações para com os seus “superiores hierárquicos” e permaneceriam em seus vilarejos à margem da miséria.

Desta forma, poderíamos destacar que estes elementos que aparecem na narrativa de *Musashi* nos apresentam um Japão em processo de reformas, não apenas econômicas, como políticas e sociais. Apesar deste começo de intensos trabalhos em favor do estabelecimento do novo xogunato, os anos seguintes do regime Tokugawa vigorariam com um sistema rígido, congelando as relações japonesas com outros países, se isolando praticamente de quaisquer interações internacionais. A economia passaria a trabalhar de maneira interna, entre os *han*, visando praticamente o consumo interno. Ainda neste começo de período Tokugawa, é possível notar que Ieyasu apenas deu continuidade ao processo de unificação do território japonês, legado este deixado pelos governantes anteriores, o que terminou por facilitar a sua posição como dono do poder, respaldado pelo reconhecimento do Imperador. A partir destas medidas, o governo Tokugawa duraria mais de 250 anos.

A Harmonia Final

O mundo é um continuo marulhar.

*Pequenos peixes cantam e dançam, nadam
espertamente ao sabor das ondas que vêm e vão.
Quem no entanto é capaz de saber o que se
passa nas recônditas profundezas desse mar sem
fim?*

*Quem algum dia já mediu sua exata
profundidade?*

Chegando a esta etapa do trabalho, se faz necessária uma retrospectiva acerca das propostas abordadas. Ao longo deste projeto, tentou-se realizar um diálogo entre a história e a literatura, tomando por base um autor de origem japonesa, que terminou por ser bastante conhecido em terras ocidentais. Os objetivos visados ao longo deste trabalho foram desenvolvidos no intuito de perceber as nuances históricas que o autor em questão se apropriou para dar vida a um personagem bastante conhecido no folclore japonês na forma de romance. Também foi procurado discutir quais os motivos que o levaram a tal empreitada, analisando possíveis respostas dentro do contexto que ele viveu.

Aspectos culturais, sociais, políticos, econômicos e religiosos são abordados no romance *Musashi*, seguidos de devidas explicações contextuais. Além de enriquecer a obra com um conteúdo informativo sobre características cotidianas do povo japonês, esta representação literária, de um período de grandes transformações no Japão, nos leva a pensar sobre as estruturas sociais que se consolidaram e como algumas destas resistiram ao tempo, se tornando base de uma sociedade possuidora valores tão singulares.

No decorrer da análise deste livro, também pôde ser notado um sentimento de enaltecimento da cultura nacional pelo autor. Durante pesquisas acerca de seus trabalhos, percebeu-se que ele produziu várias obras com um fundo histórico, dedicando-se a narrar contos já existentes de maneira mais informal e acessível. Isto nos leva a pensar que o romance *Musashi* poderia se apresentar como uma “aventura de ficção histórica”, produto deste interesse de Yoshikawa pelo passado. Através da secularização de contos japoneses na forma de novelas, ele, à sua maneira, contribuiu para a conservação da cultura de seu país, se tornando uma referência no mundo

literário japonês. Seu trabalho seria devidamente reconhecido em 1960, dois anos antes da sua morte, com a Ordem de Mérito Cultural, aparentemente, um dos mais renomados prêmios literários japoneses.

Já acerca deste projeto, é necessário frisar as dificuldades de se trabalhar com um autor de origem estrangeira, devido à escassez de material de pesquisa e também pela tentativa de englobar vários segmentos de discussão em um único local. Infelizmente, o nosso meio acadêmico ainda carece de trabalhos que discorram sobre temáticas de origem oriental e a maioria deste material se encontra na região Sudeste, especialmente em São Paulo, que possui grupos de estudos orientais bastante significativos. Apesar das vantagens e aproximações trazidas pela internet, no que diz respeito à obtenção de material para pesquisa, a web traz também dúvidas e incertezas, devido à sua facilidade de manipulação. Portanto, foi preciso uma pesquisa ousada e ao mesmo tempo precavida, sempre norteadas pelo material escrito adquirido e realizando uma triagem de informações baseada nestes livros.

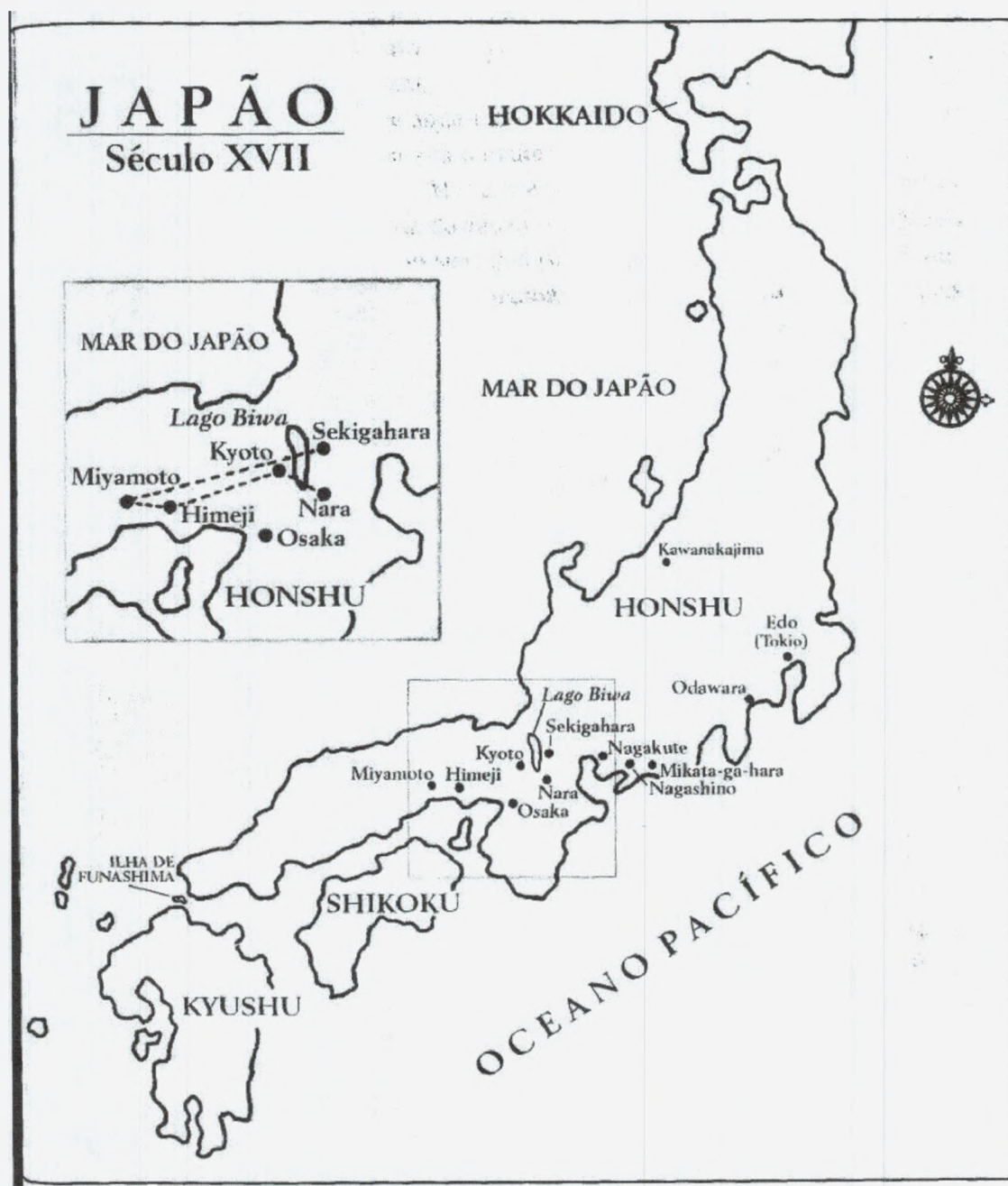
No âmbito acadêmico, como foi citado no capítulo da Terra, este trabalho também visa se tornar um porto seguro para aqueles que procuram se aventurar nas águas das temáticas orientais, servindo como um referencial e um estimulante para estudos posteriores. Portanto, embora esta contribuição seja superficial, em comparação com a abrangência da cultura japonesa, poderíamos considerar que as finalidades deste projeto foram alcançadas, em face da discussão desenvolvida ao longo deste trabalho.

Apêndice

Mapas

MAPA DO JAPÃO NO SÉCULO XVII

(Retirado do segundo volume do romance Musashi)



MAPAS DO JAPÃO ATUAL

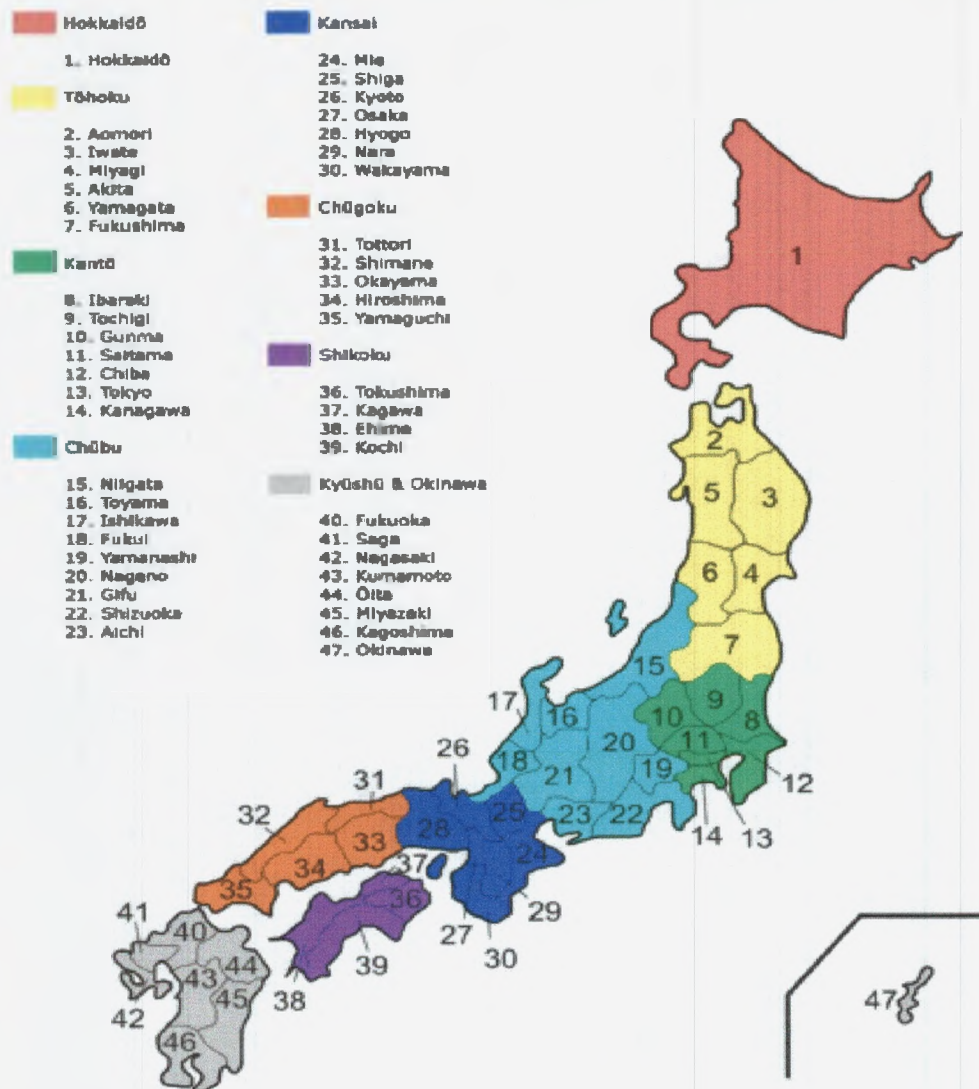




AS PREFEITURAS DO JAPÃO ATUALMENTE.

(http://pt.wikipedia.org/wiki/Prefeituras_do_Japão)

Regions and Prefectures of Japan



Glossário

Bakufu: xogunato, governo feudal, posto de comando.

Bon: finados, dia das almas do budismo, festival dedicado aos mortos.

Bonge: samurai não vassalo direto do bakufu, comum.

Bugyo: delegado ou comissário do bakufu, juiz, prefeito (de cidade).

Buke: samurai (forma educada), família de samurai, classe de samurai.

Buke-shohatto: código de normas da classe samurai.

Bunbu: artes civis e militares, a pena e a espada, assuntos civis e militares, virtudes literárias e marciais.

Bushi: samurai, guerreiro.

Bushidan: grupo ou legião de samurais.

Bushido: caminho ético e código moral do samurai.

Chanbara eiga: filme de samurai.

Chigyō: estipêndio de arroz, território de um daimyo.

Chonin: habitante de cidade, classe de mercadores, população da cidade.

Chusingura: tesouro dos corações fiéis, a história dos quarenta e sete ronins.

Daimyo: senhor de terras, governante senhorial, grande daimyo.

Dajo-daijin: ministro-presidente, chanceler, primeiro-ministro.

Daikan: administrador de município ou distrito rural, delegado do bakufu.

Fudai: daimyo tradicionalmente aliado dos Tokugawa.

Gekokujō: subversão da hierarquia social, inversão hierárquica.

Genmai: arroz integral.

Giri: obrigação moral, dever, razão correta, senso de justiça e dever (em relação à família, parentes, amigos, sociedade, superiores e inferiores, etc.)

Go: medida de volume, cerca de um quinto de litro, distrito rural.

Gokenin ou *kenin*: *daimyo* direto do *bakufu* (Kamakura), seguidores diretos do Xogum.

Hakama: calças largas

Han: domínio senhorial (período Tokugawa).

Harakiri: evisceração, suicídio por meio de corte no ventre, o mesmo que seppuku.

Hatamoto: *samurai* de categoria superior, formam uma espécie de guarda pretoriana, têm direito à audiência pessoal com o Xogum (Tokugawa).

Heimin: povo comum.

Hirajiro: castelo ou fortaleza de planície.

Hyakusho: lavrador, camponês.

Hyakusho Ikki: levante camponês, insurreição agrária (época Tokugawa).

Ikebana: arte de arranjo floral.

Ikki: rebelião, revolta, insurreição, sublevação.

In: palácio clausural para onde se retiram os ex-imperadores, ex-imperador, sede do insei.

Inkyo: retirar-se da vida ativa, abdicação da chefia familiar.

Jidai: era, época, período, geração.

Jidai-geki: filme de época.

Jidai-shosetsu: romance histórico, novela histórica.

Ji-samurai: samurai da terra, samurai que cultiva e/ou propriedade, samurai arraigada na zona rural.

Jokamachi: cidade encastelada, capital de um território de daimyo.

Junshi: suicídio para acompanhar o senhor na morte.

Kabuki: teatro clássico (no qual atores representam papéis femininos).

Kaishakunin: padrinho do suicida que se encarrega de lhe dar o golpe de misericórdia, decepando-lhe a cabeça (faz parte do ritual de *harakiri*).

Kakushiki ou *Kyakushiki*: status, posição social, hierarquia familiar.

Kami: deuses ou divindades do Xintoísmo.

Kamikaze: vento divino, furacão salvador, pilotos suicidas da II Guerra Mundial.

Kanpaku: principal conselheiro do trono, conselheiro-chefe do micado (uma espécie de primeiro-ministro).

Kan: unidade de volume ou peso (cerca de 180 litros); unidade monetária (período Muromachi).

Kana: silabário japonês.

Kanji: escrita chinesa originária do reino de Han (Kan, em japonês).

Kanrei ou *kanryo*: secretário geral, secretário de Estado, alto comissário, governador regional (*Muromachi Bakufu*).

Katari-uchi: vingança, retaliação, vendetta.

Katana-gari: caça às espadas, apreensão de armas.

Kenchi: censo ou medição de terras, levantamento de áreas de terras.

Kenjutsu: esgrima japonesa.

Kenin ou *gokenin*: *daimyo* subordinado direto do *Kamakura bakufu*.

Ko: classe de artesãos, artesanato.

Kodanshi: contador de histórias.

Kodo: caminho imperial, via ética imperial.

Kofun: túmulos antigos (século III ao V).

Koku: unidade de volume, 180 litros.

Kokudaka: valor ou volume em *koku*, capacidade de produção medida em *koku*.

Kokuga: governo provincial.

Kokugaku: estudos nacionais, estudos de clássicos nipônicos.

Kokugaryo: território administrado por governador provincial (*kokushi*), território provincial.

Kokushi ou *kunisukasa*: governador civil de província.

Kosho: pajem, criado.

Koto: uma espécie de harpa.

Kuge: nobre palaciano, fidalgo da Corte.

Kuge shohatto: normas ou códigos relativos ao palácio imperial e aos aristocratas da Corte.

Matsuri: festa, festival, festa religiosa.

Monogatari: narrativa, história, novela, romance.

Myo: pequena família de lavradores, comunidade aldeã, grupo de aldeias, propriedade rural.

Myo ou *myoden*: arrozal nominal, arrozal com nome de seu proprietário.

Myoji-taito: uso de sobrenome e de espada (apanágio da casta *samurai*).

Na: nome, honra, fama, designação.

Naginata: alabarda.

Nanboku: sul e norte.

Namushi: prefeito de aldeia, o mesmo que *shoya*.

Nengo: nome de era, nome dado a um período de reinado, atualmente de um reinado inteiro.

Ninjo: sentimento humano, natureza humana, humanidade, compreensão ou calor humano.

No: classe de lavrador, lavoura.

On ou *go-on*: os favores ou benefícios recebidos, dívida de gratidão.

Ran: conflito, conflagração, desordem, revolta, guerra, caos.

Rei: decreto, lei, ordem.

Ronin: homem-onda, *samurai* sem senhor, desempregado.

Ryo: domínio feudal, unidade monetária do período Tokugawa.

Ryogoku: terra de governador militar (províncias cedidas aos governadores militares – *shugo*) pelo *bakufu*.

Samurai-dokoro: departamento de samurais, órgão controlador dos samurais.

Sankin-kotai: sistema de servir por turno na corte do Xogum (Tokugawa), no qual os *daimyo* residem alternadamente em seus castelos-fortaleza e nas suas residências em Edo.

Seii-xogum: general comandante de força punitiva dos bárbaros.

Seii-taixogum: comandante-chefe de força expedicionária punitiva contra os bárbaros; generalíssimo das forças para punir os bárbaros. Da abreviação dessa palavra, temos Xogum.

Sekisho: ponto de fiscalização, barreira para coleta de impostos.

Semmin: párias, classe inferior.

Sengoku: país em guerra, guerra entre feudos, feudos em guerra.

Sengoku-daimyo: *daimyo* do período de guerras feudais, senhor feudal do período do país em guerra.

Sengoku-jidai: época de país em guerra, período de guerra entre feudos.

Seppuku: suicídio por evisceração, o mesmo que *harakiri*.

Sessho: regente imperial, regência.

Shi: classe samurai.

Shiki: função no sistema *shoen*, ritual.

Shikimoku: código de leis feudais.

Shikken: regente do *Kamakura bakufu*, regência.

Shizoku: classe dos descendentes de samurai.

Sho: mercadores, comércio.

Shoshidai: governador militar de Kyoto (*Tokugawa bakufu*).

Shugo-daimyo: governador militar (*shugo*) que se torna *daimyo*.

Soroban: ábaco, aparelho de calcular.

Tachi: *katana*, espada longa.

Tate: escudo.

Tenno: micado, imperador, soberano.

Tenshukaku: torre de castelo-fortaleza.

Terakoya: templo-escola, escola primária particular do período feudal (funciona quase sempre em um recinto de templo).

Tozama: *daimyo* “estranho”, antigo concorrente dos Tokugawa.

Tsuba: guarda de empunhadura de espada.

Ukiyo: mundo flutuante, mundano.

Xogum: chefe do governo dos regimes xogunais.

Yamajiro ou *yamashiro*: castelo, ou fortaleza, construído em um monte, castelo de monte.

Yakishi: residências de samurais (em geral de Edo), mansão.

Yogaku: estudos ocidentais.

Yojimbo: guarda-costas.

Alguns vocábulos estrangeiros na língua japonesa

Da China:

Furo, ofuro: banheira

Nankim-mame: amendoim.

De Portugal:

Pan: pão.

Karuta: carta de baralho.

Botan: botão.

Tempura: temperado.

Kompeito: confeito.

Shabon: sabão.

Biroudo: veludo.

Kappa: capa.

Bidoro: vidro.

Jiban: jibão.

Karusan: calção.

Bobura: abóbora.

Kurusu: cruz.

Da Índia:

Osho: monge budista.

Kawara: telha.

Da Espanha:

Meriyasu: malhas.

Furasuco: frasco.

Da Holanda:

Koppu: copo.

Biru: cerveja.

Da França:

Zubon: calça.

Pomado: pomada.

Da Alemanha:

Suki: esqui.

Ryusaku: mochila.

Da Inglaterra:

Baketsu: balde.

Hankachi: lenço.

Machi: fósforo.

Kochii: café.

Nai fu: faca.

Cronologia: as eras japonesas

(http://www.nippobrasil.com.br/zz_historia/japao/250.shtml)

Era Yayoi - O cultivo de arroz e instrumentos de metal são transmitidos do continente. Com a intensificação das atividades agrícolas, e aumento da população, nascem as diferenças sociais, a classe dos ricos e pobres. Pela primeira vez, o Japão é mencionado numa escritura chinesa.

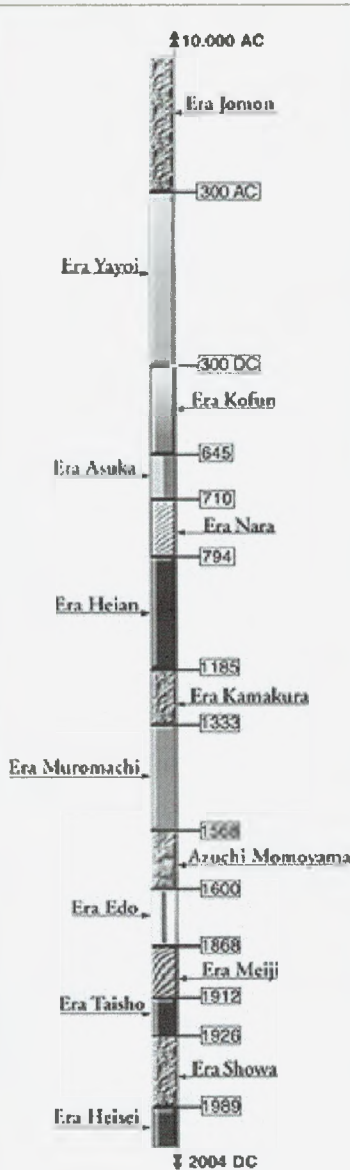
Era Asuka - Forma-se a dinastia Yamato, após sucessivas lutas entre os clãs. Em meados do século 7, seguindo o exemplo da dinastia Tang (China), realiza a "Reforma de Taika", definindo a organização política, o sistema tributário, etc. O príncipe Shōtoku institui os "17 códigos da Constituição", norteados nas doutrinas de Shintoísmo, Budismo e Confucionismo.

Era Heian - Os japoneses começam a criar cultura própria, após ter assimilado durante anos a cultura chinesa. A permissão de apropriação das terras para uso particular dos nobres e dos templos esfacelou o ideal do Código Administrativo do Japão, que era o de Estado controlar o povo e as terras. A criação do "kana" (fonogramas), permitiu o florescimento da literatura, sendo escrito nessa época, o "Genji Monogatari", que foi traduzido depois em várias línguas. Foi a época áurea da nobreza, em que foram criadas muitas obras de arte.

Era Muromachi - Época conturbada por guerras civis. Durante um curto período, houve até dois imperadores no comando do país. As intermináveis guerras entre os senhores feudais, permitiram a ascensão dos mais fortes, mesmos daqueles de classe inferior. Início do comércio com a dinastia Ming (China), desenvolvendo as atividades econômicas feitas com moedas, importadas da China. Ocorre o primeiro contato com os portugueses que chegam à deriva no sul do Japão, trazendo a arma de fogo e o cristianismo.

Era Edo - Uma era bastante peculiar em que o país conheceu a paz durante mais de dois séculos. Houve o fechamento dos portos para as nações estrangeiras e a proibição do cristianismo. Para manter o shogunato, a família Tokugawa, adota medidas rígidas e conservadoras, estabelecendo quatro classes sociais distintas: samurais, agricultores, artesãos e comerciantes. O Japão adota a filosofia confucionista e institui escolas nos feudos e templos. A queda do shogunato Tokugawa é provocada por dificuldades internas e pela abertura dos portos.

Eras Taisho, Aisho e Heisei - O Japão passa por amargas experiências nas duas Grandes Guerras Mundiais. Ainda por cima, o povo sofre com danos causados pela natureza - o grande terremoto que atingiu Tokyo e imediações, e outro, mais recente, na cidade de Kobe. Torna-se o único país na face da



Era Jomon - Os homens viviam da caça e pesca, alimentando-se com carnes de veado, porco do mato, atum, salmão, mariscos e frutas como uvas e castanhas. No início, levavam uma vida nômade, descobrindo com tempo, o modo de produzir vasos de barro. Com isso, conseguem conservar e cozer os alimentos. Aos poucos, vão se agrupando e formando aldeias, fixando-se em determinados lugares. Nessa época, não havia nem ricos nem pobres.

Era Kofun - Nesta época, foram construídos muitos túmulos gigantescos em forma de montículos (Kofun), pelos clãs poderosos. Nelas foram enterrados muitos objetos de metal, bonecos de barro, pedras preciosas, entre outros tesouros. No início do século 6, o budismo é transmitido ao Japão, sendo introduzida a escrita junto com sutras.

Era Nara - o Código Administrativo do Japão é outorgado. O budismo torna-se religião oficial. Por 7 vezes, são enviadas delegações culturais à China para absorver a sua cultura. Ao voltarem, elas divulgam budismo, confucionismo, estratégias militares, músicas tocadas na corte imperial, rituais das cerimônias, e, trazem inclusive inúmeros sutras, imagens de Buda e instrumentos musicais. É compilada a primeira antologia de poemas "Man'yōshū", são escritos primeiros livros de história do Japão, "Kojiki" e "Nihon shoki", e ainda, foi editado o primeiro tratado de geografia japonês, o "Fudoki".

Era Kamakura - Surgimento da classe dos samurais e estabelecimento do shogunato. O budismo passa a ser cultuado pelo povo também. Os mongóis tentam invadir o Japão por duas vezes, liderados pelo poderoso Kubilai Khan, mas nas duas vezes, o Japão foi salvo por vendavais (kamikaze = vento divino) que dizimaram a frota mongol. Surgem os monges Shinran, Nichiren e Dogen, fundadores das seitas budistas.

Era Azuchi Momoyama - Nobunaga Oda e Hideyoshi Toyotomi vencem inúmeras batalhas e conseguem unificar o Japão. Nessa época, os japoneses têm o primeiro contato com países da Europa e recebem influência do cristianismo. Para demonstrar o poder, são construídos grandes castelos, decorados com extremo luxo e requinte. Por outro lado, nessa mesma época, surgem a cerimônia do chá e o teatro Noh, que pregam a elegância da simplicidade.

Era Meiji - Com a queda do shogunato Tokugawa e a restauração do poder imperial, faz-se uma ampla reforma. A ocidentalização do Japão ocorre a olhos vistos, tal como a adoção do calendário ocidental. A guerra sino-japonesa e a russo-japonesa implanta patriotismo no povo, reforçando o militarismo.

Terra a ser bombardeado com bombas atômicas. Consegue se erguer da destruição quase que total do país, após a 2ª Guerra, chegando a fazer parte de um dos países mais ricos do mundo. Passa por crises econômicas, que estão sendo superadas com a adoção do sistema de network de meios de comunicação eletrônica para produção e distribuição e da tecnologia de micro-electronics (ME) nas várias modalidades industriais.

O país passa da economia agrícola para industrial

Referências cronológicas da época de Musashi

1584:

- Nasce Musashi.
- Chega um navio espanhol a Hirado.
- Toyotomi Hideyoshi auxilia a restauração do centro budista de Hiei.
- Tokugawa Ieyasu derrota as tropas de Toyotomi nas batalhas de Komaki e Nagakude.

1586:

- Toyotomi Hideyoshi torna-se Kanpaku.
- Hideyori manda construir o templo Hoko-ji.

1587:

- Toyotomi Hideyoshi dá a ordem de expulsar os padres cristãos do país.

1588:

- Desarmamento dos camponeses.
- Cunhadas moedas de ouro. Hideyoshi constrói o palácio Jurakudai.

1589:

- Toyotomi Hideyoshi manda mensagem à Coréia.
- Proibe a propagação do cristianismo e incendeia a Igreja Católica de Kyoto.

1590:

- Foi introduzida a primeira impressora tipo europeu.
- Morre Omasa, mãe de Musashi.

1591:

- Suicida-se o grande mestre da cerimônia do chá Sen-no Rikyu.
- Foram estabelecidas as castas sociais. Munisai, pai de Musashi, desaparece.

1592:

- Primeira invasão da Coréia

1593:

- Introdução da técnica de impressão a tipo; impressas as fábulas de Ésope.

1594:

Hideyoshi manda construir o castelo de Fushimi.

1595:

Terminado o levantamento das terras, é estabelecida uma nova lei tributária.

1596:

Toyotomi Hideyoshi dá a ordem de execução de padres e seus seguidores, os primeiros mártires no Japão.

Grande terremoto causa danos, destruindo o castelo de Fushimi e o templo Hoko-ji.

1597:

Segunda expedição para atacar a Coréia.

Ocorre o primeiro duelo de Musashi, aos treze anos, com Arima Kihei.

1598:

Morre Toyotomi Hideyoshi.

Retiradas as tropas expedicionárias da Coréia.

1600:

Chega um navio holandês a Bungo, Kyushu.

Batalha de Sekigahara.

Segundo duelo de Musashi com Tadashima Akiyama.

Musashi participa na batalha de Sekigahara contra Tokugawa.

1601:

São cunhadas novas moedas. Descoberta de ouro na ilha de Sado.

1602:

Tokugawa Ieyasu divide a seita Jodo-Shinshu: formação da Nishi e Higashi Hongwanji.

1603:

Tokugawa Ieyasu torna-se “generalissimo” (Xogum) e funda seu governo em Edo.

1604:

Foram colocados os marcos de ri (4 km cada ri) nas principais estradas do país.

1605:

Introdução do tabaco.

Musashi derrota a família Yoshioka.

Duelo de Ichijoji.

Em outro duelo, Musashi derrota o monge Hozoin Kakuzenko Inei.

1606:

Musashi derrota Shishido Baiken.

1610:

Fundadas as cidades nipônicas na Tailândia, Luzon e em outras localidades do Pacífico meridional.

1611:

Proibição do cristianismo.

1612:

Duelo na Ilha Ganryu: Musashi derrota Sasaki Kojiro.

1615:

Queda do castelo de Osaka. Musashi participou, desta vez do lado dos Tokugawa.

1616:

Aos barcos estrangeiros foi permitido atracar somente nos portos de Nagasaki e Hirado.
Morre Tokugawa Ieyasu.

1618:

Ikeda Koun escreveu o primeiro livro sobre navegação baseando-se na astronomia europeia.

1619:

Foram executados mais de sessenta cristãos.

1620:

Regressa da Europa o emissário do feudo Date.
Masako, neta de Ieyasu, torna-se Imperatriz do 108.º Imperador.

1621:

Chega o emissário da Tailândia, trazendo objetos recomendados por Yamada Nagamasa.

1623:

São executados mais mártires cristãos.
Rompido o intercâmbio comercial com a Inglaterra.

1624:

Rompe o intercâmbio comercial com a Espanha.

1625:

Foram instalados postos de fiscalização nas principais estradas.
Tenkai, monge budista, constrói o Templo Kan-ei-ji, em Ueno.

1628:

Hanada Yahe aprisiona o governador holandês de Formosa.
Cristãos foram executados em Nagasaki.
Início do uso de fumie (os cristãos são obrigados a pisar na imagem santa).

1629:

Restabelecida a lei dos samurais.

1630:

É proibida a importação de livros referentes ao cristianismo.

Foi morto Yamada Nagamasa.

1632:

Aumenta o número de *ronin* (*samurai* desempregados) por causa da redução e desapropriação de feudos pelo governo central.

1633:

Proibida a saída de barcos japoneses ao estrangeiro.

1635:

Proibição total da saída de qualquer barco ao estrangeiro.

Os senhores feudais foram obrigados a servir ao Xogum na capital.

1636:

Construído o templo xintoísta de Nikko: o Tosho-gu.

Emitida a moeda kan-ei tsuho

1637:

Revolta cristã de Shimabara.

1638:

Foi estabelecida uma lei proibindo a construção de barcos grandes.

1639:

Foram fechados os portos; somente aos holandeses foi permitido o comércio em Dejima.

Numerosos cristãos foram forçados a renunciar à sua crença.

1641:

Os holandeses foram obrigados a se mudarem para Dejima, em Nagasaki.

1642:

O governo japonês obriga os capitães holandeses a virem ao Japão para apresentarem um relatório sobre o movimento mundial.

1643:

Motim dos lavradores em Iwashiro.

Musashi escreve o “Gorin No Sho”.

1645:

Morre Miyamoto Musashi.

1646:

A Dinastia Ming pede auxílio ao Japão para enfrentar Ching.

BIBLIOGRAFIA:

- BENEDICT, Ruth. *O crisântemo e a espada*. São Paulo: Perspectiva, 2006. 3.^a edição.
- BULL, Wagner. *Aikido, o caminho da sabedoria*. São Paulo: Pensamento, 2003. 10.^a edição.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- KEIZI, Minami. *Musashi, o samurai indomável*. Adaptado por Minami Keizi; ilustrado por Júlio Shimamoto. São Paulo: EM, 2007.
- MIYAMOTO, Musashi. *Gorin No Sho – O Livro dos Cinco Elementos*. Tradução de José Yamashiro. Prefácio de Bruno Ferri de Barros. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1992.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). *História Cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SATO, Cristiane A. *Japop – O poder da cultura pop japonesa*. São Paulo: NSP-Hakkosha, 2007.
- TAZAWA, Yutaka; MATSUBARA, Saburo, OKUDA, Shunsuke; NAGAHATA, Yasunori. *Japan's cultural history – a perspective*. Japão: Ministério de Assuntos Estrangeiros, 1973.
- YAMASHIRO, José. *Japão: Passado e presente*. São Paulo: HUCITEC, 1978.
- YOSHIKAWA, Eiji. *Musashi*. Tradução do japonês por Leiko Gotoda; Prefácio de Edwin O. Reischauer. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

LINKS:

Sandra Jatahy Pesavento, « História & literatura: uma velha-nova história », Nuevo Mundo Mundos Nuevos, Debates, 2006, [En línea], Puesto en línea el 28 janvier 2006.
URL: <http://nuevomundo.revues.org//index1560.html>. Consultado el 31 juillet 2008.

http://en.wikipedia.org/wiki/Eiji_Yoshikawa

<http://www.iapao.org.br>

http://www.iapaobrasil.com.br/historia_japao/index.php

http://www.iapaobrasil.com.br/historia_japao/250.php

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Jap%C3%A3o#Subdivis.C3.B5es>

http://pt.wikipedia.org/wiki/Subdivis%C3%B5es_do_Jap%C3%A3o

http://pt.wikipedia.org/wiki/Miyamoto_Musashi

http://www.niten.org.br/miyamoto_musashi.htm

<http://www.madeincuritiba.com.br/musashi/musashi.htm>

<http://www.culturajaponesa.com.br/htm/musashi.html>